

Flávia Florentino Varella

**Decadência, historiografia e a imagem imperial nas obras de
Tácito**

Monografia de Bacharelado

Orientador: Fábio Faversani

Co-orientador: Valdei Lopes de Araujo

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de História

Mariana, 21 de janeiro de 2008.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	02
2. Tácito: suas obras e historiografia.....	04
3. A história em Roma: decadência e escrita da história.....	14
4. Problemas de se escrever uma história do Império: dissimulação e corrupção moral..	29
5. A proximidade feminina e a imagem imperial (Anais , livros XIII-XVI).....	37
6. Conclusão.....	55
Bibliografia.....	57

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia é resultado de uma bolsa de iniciação científica concedida, por um ano e meio, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) na qual estudamos a relação entre a proximidade de algumas mulheres ao imperador Nero e a composição de seu governo, nos **Anais** de Tácito. Nossa hipótese era que a proximidade deste Imperador com mulheres que almejavam participação na esfera política foi feita de forma negativa para ressaltar uma administração negligente, baseada no conselho de pessoas inferiores. Inversamente, a dissociação dessas mulheres tinha um símbolo positivo. Uma personagem que foge a esta regra é Otávia, segunda mulher de Nero, que foi retratada por Tácito como sem ambições políticas. Nesse caso, a associação de Otávia a seu marido era feita positivamente e sua dissociação negativamente. Ao longo da pesquisa tive o interesse em aprofundar questões relativas à história da historiografia romana, ou seja, os princípios que norteavam a escrita da história e sua composição. Esta monografia é, portanto, a junção de dois interesses que mantive em minha graduação: o estudo dos problemas relativos à escrita da história e o estudo do mundo clássico.

No primeiro capítulo “Tácito: suas obras e historiografia” fizemos uma pequena apresentação das obras de Tácito e das leituras que fizeram delas ao longo dos séculos no intuito de situar o leitor no *corpus* taciteano, assim como na história das interpretações geradas pela sua leitura. Argumentamos, nessa primeira parte, que a história escrita por Tácito, apesar de muitas vezes ser interpretada como política, inaugurou uma nova forma de pensar e fazer história. Propomos que o objeto de Tácito, nos **Anais**, eram as paixões humanas e como elas modificavam os rumos do Império e o objetivo final desta obra foi superar a sensação de decadência gerada pela corrupção e adulação, frutos de sua época.

Nesse sentido, no capítulo dois “A história em Roma: decadência e escrita da história” apresentamos alguns temas importantes em Tácito, principalmente a temática da decadência, e o papel que a retórica teve em suas soluções historiográficas. Com o intuito de ressaltar o lugar de destaque que a retórica tinha na forma de se escrever história em Roma, analisamos a incorporação da memória como faculdade do orador na retórica romana. Com isso, a *Retórica a Herênio* teve grande importância em nossa análise.

No capítulo três “Problemas de se escrever uma história do Império: dissimulação e corrupção moral” mostramos algumas das dificuldades que a escrita da história apresentava na sociedade romana e o problema exposto por Tácito de ter que escrever uma história imparcial e, por isso, verdadeira, utilizando-se de escritos corrompidos pela adulação e pelo medo.

O capítulo final “A proximidade feminina e a imagem imperial (**Anais**, livros XIII-XVI)” desenvolvemos mais de perto algumas das articulações historiográficas feitas por Tácito, nos **Anais**. Circunscrevemos nossa análise em apenas uma das argumentações que caracterizam e salientam o governo de Nero: a proximidade feminina.

2. TÁCITO:

SUAS OBRAS E HISTORIOGRAFIA

Arnaldo Momigliano em seu artigo “A tradição herodoteana e tucídideana”¹ aponta duas tradições historiográficas opostas nascidas na Grécia antiga e que se mantiveram até a modernidade. A hipótese de Momigliano é que a maior parte da historiografia Ocidental se organizou a partir da ruptura que aconteceu na Antiguidade Clássica entre uma historiografia baseada no modelo de Heródoto e outra na de Tucídides. Sua proposta é que teríamos uma grande continuidade de questionamentos impostos pela historiografia desde a sua “fundação”. A tradição advinda de Heródoto seria marcadamente composta pelo antiquariato e pela erudição. Neste tipo de história estariam inseridos acontecimentos diversos, sem nenhuma restrição do que deveria ou não ser escrito. Esse tipo de história tinha como principal fonte a experiência em viagens. Por outro lado, na história tucídideana, fundamentalmente uma história política, as ações políticas e militares prevaleceriam no relato e o interesse difuso estaria excluído, formando, assim, uma dignidade para história fundamentada na narração destes eventos.

O problema que se impõe é como, por meio dessa proposta de análise, poderíamos pensar a história produzida por Tácito. Claramente ele não poderia ser apresentado como um historiador “herodoteano”. Seria até plausível encaixá-lo dentro do campo dos historiadores políticos e militares, afinal, o foco principal de Tácito são as figuras políticas mais importantes, e, quando existem, as batalhas romanas. Contudo, não podemos deixar de lado um elemento central da narrativa taciteana: a composição da natureza humana. Em passagem dos **Anais**, sua segunda obra historiográfica, encontra-se o relato a respeito da composição e importância de seu livro:

¹Arnaldo MOMIGLIANO. “A tradição herodoteana e tucídideana”. In: __. **As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna**. Bauru: EDUSC, 2004, pp. 53-83.

[...] assim como nos tempos antigos, quando o governo era popular, ou era patriciano ou aristocrático, se julgava necessário **conhecer o caráter do povo e os meios de moderar a sua efervescência**, e então passaram também por mui hábeis e sagazes todos os que se aplicaram com cuidado a estudar o espírito do senado e dos grandes; assim igualmente agora que tudo está mudado, e que temos só um príncipe que governa, não me parece fora de propósito indagar, e escrever estas coisas. **Há sempre poucos que sejam capazes de distinguir por si mesmos o que é bom do que é mau, ou o que é útil do que é prejudicial; e a maior parte da gente precisa para se instruir de exemplos alheios**: apesar disto, também sei que quanto mais instrutivos são estes objetos menos devem agradar.²

A importância da obra de Tácito, que, gradualmente consolida-se na modernidade, reside em seu talento para criar personagens vazados dramaticamente e em tramas instigantes. Nesse ponto nossa análise diverge radicalmente da proposta de Momigliano em dois pontos fundamentais. Primeiramente, o autor entende a historiografia como um campo autônomo que, desde o princípio, desenvolveu-se com questões próprias e valorizando sempre o método crítico como legitimador da verdade. Para o autor, **A História da Guerra do Peloponeso** teve mais crédito na Antiguidade porque não se desconfiou teoricamente do método de Tucídides, coisa que ocorreu com Heródoto.³ No decorrer de nossa análise percebemos que a realidade epistemológica da Antigüidade Clássica é distinta da moderna e frequentemente os parâmetros historiográficos são outros. O segundo ponto que divergimos de Momigliano caracteriza-se apenas como uma extensão do primeiro. A proposta de Momigliano correntemente deixa de fora o contexto de produção de cada obra historiográfica ao focar demasiadamente as heranças que passam de um historiador a outro até chegar à época moderna.⁴ O grande problema da análise de Momigliano para este trabalho é que ele interpreta a historiografia como um grande bloco que tem como explicação a continuidade. Com isso, buscamos analisar a história produzida por Tácito como inovadora em diversos

² TÁCITO. **Anais**, IV, 33. Nesta monografia utilizamos a tradução de J. L. Freire de Carvalho, volume 25. São Paulo: W.M. Jackson. (Clássicos Jackson).

³ Arnaldo MOMIGLIANO. (2004), p. 67.

⁴ Arnaldo MOMIGLIANO. “Fábio Pictor e a origem da História Nacional”. In: ___. **As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna**. Bauru: EDUSC, 2004, p.152.

sentidos, sem negar, contudo, que existia uma forma historiográfica mais ou menos consolidada na época da escrita de sua história.

Diversos já foram os usos da historiografia antiga e conforme o gosto de cada época Tácito foi mais ou menos lido. Durante a Idade Média, Tácito não foi mencionado pelos escritores. Apenas no Renascimento, após a descoberta de alguns códices contendo parte de sua obra, é que voltou a ser lido regularmente. Os três códices que contém as obras de Tácito foram achados separadamente e com acentuada diferença temporal. O primeiro, *Mediceus II*, datado do século XI, foi encontrado por Boccaccio na biblioteca do monastério de Monte Cassino em 1362. No século XV, o segundo códice, *Aesinus*, foi achado por Enoch de Ascoli. E, em 1509, o terceiro códice, *Mediceus I*, datado do século IX, foi encontrado por Ângelo Arcimbaldo, agente do cardeal Giovanni de Médici. Nos *Mediceus I e II* se encontram as **Histórias** e os **Anais**. As obras menores, **Germânia**, **Vida de Agrícola** e **Diálogo dos Oradores** se encontram no *Aesinus*.⁵ Em 1572, Justus Lipsius, foi quem primeiro ressaltou a importância das obras tacitenas para o entendimento dos *arcana imperii* e, em 1581, Carolus Pachalius publicou o primeiro comentário político sobre Tácito.⁶ A importância da obra de Lipsius para a história da leitura de Tácito reside na utilização da interpretação produzida por Tácito dos governos tirânicos para a análise da conjuntura em que vivia, fenômeno que, em 1590, se consolidará como tacitismo. Essa abordagem que coloca as proposições de Tácito fora de seu contexto histórico foi por longos anos um dos ramos principais de estudo do historiador latino.⁷ Nos séculos XVI e XVII a importância de Tácito no pensamento político foi grande, mas não se resumiu a isso. Montaigne escreveu que:

[...] this form of history is by much the most useful [...] there are in it more precepts than stories: it is not a book to read, 'tis a book to study and learn: 'tis full of sententious

⁵ Fábio JOLY. **Tácito e a Metáfora da Escravidão**. São Paulo: Edusp, 2004, p. 45.

⁶ Sigo as proposições de Arnaldo Momigliano.

⁷ Arnaldo MOMIGLIANO. (2004), p.186.

opinions, right or wrong: 'tis a nursery of ethic and politic discourses, for the use and ornament of those who have any place in the government of the world.⁸

No século XVIII, atribuía-se valor principal à Antigüidade Clássica nos assuntos relacionados à retórica. Quando se tratava de ciência e de conhecimento os “antigos” eram considerados ultrapassados pelos “modernos”. Hugh Blair expõe que: “Tacitus is eminent for his knowledge of the human heart; is sentimental and refined in a high degree: conveys much instruction with respect to political matters, but more with respect to human nature”.⁹ Com a organização de arquivos e o refinamento da crítica documental, os historiadores antigos foram mais questionados sobre as suas informações e, em larga medida, não conseguiram responder a esses questionamentos de forma favorável. Verificou-se que parte do conteúdo que os estudiosos modernos consideravam como verdadeiros não se sustentavam. A importância de Tácito dentro da historiografia moderna não se deve à descrição das táticas de guerra e do relato dos acontecimentos romanos, mas, em larga medida, pelas suas descrições morais que retratam o bem e o mal, ou seja, o que deve e o que não deve ser seguido. Essa perspectiva deixa de ser consensual nas análises feitas de Tácito contemporaneamente. Ronald Syme, em texto sobre o relato de Tácito, afirma que:

[...] not much be said about personality of Nero, no item where the credit and veracity of Cornelius Tacitus can be seriously impugned. He wrote of times within the reach of memory or of reliable testimony. What has been transmitted by Suetonius and by Cassius Dio shows a remarkable concordance [...] The concordance has been ascribed to the influence of a single dominant source, used by all three. A better explanation serves: the portrayal of Nero corresponds in large measure with the facts.¹⁰

Apesar de Syme ser um renomado estudioso no assunto, nesse ponto, nossa interpretação se distancia. Tácito não estava preocupado em fornecer um relato fidedigno

⁸ Citado por Hamilton FYFE. “Introduction”. *In: TACITUS. The Histories*. Translated with introduction and notes by W. Hamilton Fyfe, fellow of Merton College. Oxford: Clarendon Press, 1912.

⁹ Hugh BLAIR. *Historical Writing*. *In: ___. Lectures on Rhetoric and Belles Lettres*. London: Charles Daly, 1839, p. 484.

¹⁰ Citação extraída de Joan-Pau RUBIÉS. “Nero in Tacitus and Nero in Tacitism: the historian’s craft” *In: Jás ELSNER & Jamie MASTERS. Refections of Nero: culture, history & representation*. London: Duckworth, 1994, p. 29.

do que aconteceu em seus livros que contam a história romana, mas em como isso poderia tornar-se útil através do ensinamento moral. A importância da verossimilhança nas artes escritas não mudou desde Aristóteles.

É impossível pensar em qualquer texto romano sem levar em conta o contexto de sua produção e leitura. Tácito não é uma exceção a esta regra. Suas histórias narram o passado pensando na sua utilidade e continuidade no presente. Nesse sentido, faremos uma breve contextualização e descrição das obras de Tácito e da época em que foram escritas.

Estima-se que Tácito tenha nascido entre 55 e 57,¹¹ ou seja, durante o principado de Nero. De família eqüestre, foi cônsul *suffectus*, magistratura mais importante em Roma, sob o governo de Nerva no ano de 97. Por causa de sua origem, atribui-se às suas obras certo conservadorismo, ou seja, buscando ascensão política adotou fervorosamente os valores morais aristocráticos orientadores de sua narrativa. Suas obras se remetem ou são influenciadas pelas dinastias Júlio-Cláudia, Flávia e Antonina. Quando da fundação do Império por Augusto, com a vitória na batalha do Ácio em 31 a.C, constituiu-se grande parte da organização institucional do Principado; regime que tinha como principais forças políticas o *princeps*, o senado, o exército e o povo. Depois de Augusto, mais quatro descendentes das *gens Iulia* e *Claudia* governaram o Império: Tibério (14-37), Caio Calígula (37-41), Cláudio (41-54) e Nero (54-68). Com exceção de Augusto, a imagem que chegou até nós desta dinastia é, em maior ou menor grau, de maus governos.

Com o suicídio de Nero, apresentaram-se vários grupos que desejavam governar o Império Romano. Nero não deixou descendentes e nem recorreu à prática da adoção o que acarretou mais uma guerra civil em Roma. Em apenas um ano governaram quatro imperadores: Galba, Oton, Vitélio e Vespasiano. Após esse período de lutas internas, a

¹¹ Todas as datas são depois de Cristo e quando não forem indicaremos com o a.C.

estabilidade política e social teve início com uma nova dinastia começada por Vespasiano. A partir da dinastia Flávia, os imperadores passaram cada vez mais a ter origem provinciana. Os primeiros governantes Flávios - Vespasiano e Tito, seu filho - foram considerados bons imperadores e temos como sinal disso a morte natural de ambos. Entre os Júlio-Cláudios, mais uma vez, apenas Augusto pereceu de morte natural. Domiciano, terceiro e último membro da dinastia Flávia, é considerado pela historiografia como o segundo Nero e foi assassinado por força de uma conspiração. Após as conturbadas dinastias Júlio-Cláudia e Flávia, Roma tem um período de tranquilidade com os Antoninos. É sob essa dinastia que Tácito escreveu grande parte de sua obra. Os governantes Antoninos foram os que alcançaram maior prestígio na historiografia,¹² tanto romana quanto contemporânea.

O primeiro livro escrito por Tácito foi uma biografia laudatória sobre seu sogro Júlio Agrícola, terminada no ano de 98 e intitulada **Vida de Agrícola**. A biografia é um gênero que estava organizado de modo a mostrar o caráter do biografado da melhor maneira possível. Assim como Suetônio, em sua **Vida dos Doze Césares**, Tácito tem como objetivo narrar a vida de uma pessoa como um organismo fechado, construindo a personalidade do biografado. Contudo, Suetônio e Tácito divergem na composição deste gênero de obra. Enquanto Suetônio dá maior ênfase à construção do caráter e da psicologia do biografado, Tácito enfoca prioritariamente a atividade política. Arnaldo Momigliano sugere¹³ que teriam dois tipos de biografia na Antiguidade Clássica. Uma que utilizaria do caráter do biografado e outra da carreira política como elemento fundamental na composição da obra. A **Vida de Agrícola** poderia também ser chamada, sem risco de distorção entre título e conteúdo, de “O Consulado de Agrícola na Bretanha”. Tirando alguns dados, a maior parte da composição gira em torno do

¹² Pierre GRIMAL. “As Dinastias do Alto Império”. In: __. **O Império Romano**. Lisboa: Edições 70.

¹³ Arnaldo MOMIGLIANO. “A Origem da Pesquisa Antiquária”. In: __. **As Origens Clássicas da Historiografia Moderna**. Bauru: EDUSC, 2004, *passim*.

consulado que Agrícola adquiriu e seu governo na Bretanha. Não é apenas de Suetônio que Tácito diverge na composição de sua biografia. Tanto Plutarco quanto Cornélio Nepos não se aproximam da biografia taciteana. Plutarco, em passagem célebre, expõe a natureza de sua obra da seguinte forma:

realmente, não estou escrevendo a História, mas narrando vidas; também, **não são, por certo, as ações mais preclaras que evidenciam a virtude ou o vício**; muitas vezes, um ato sem importância, uma frase, um gracejo qualquer revelam melhor um caráter do que as batalhas de milhares de baixas, os exércitos em linha mais extensos e os sítios das cidades¹⁴

Quando Plutarco define o vocábulo história está claramente pensando em Tucídides, que produziu um modelo de decoro e dignidade para este tipo de narrativa fundamentado na história política e militar. Porém, o que interessa neste momento é que Tácito não escreve sua biografia nos termos assinalados por Plutarco e põe como elemento central de sua obra o que Plutarco achou, no mínimo, secundário para este gênero: “as ações mais preclaras”. Apostamos na hipótese de que nesta biografia Tácito faz um esboço do gênero história. Na **Vida de Agrícola** também se nota um interesse do autor em dados geográficos e culturais da Bretanha, que passam por assuntos como a localização, origem do povo, força militar, o governo, clima, solo, os metais e a conquista e dominação pelos romanos.

Esse interesse difuso de Tácito foi plenamente realizado na sua segunda obra, **Germânia**, escrita no mesmo ano que a **Vida de Agrícola**. Na primeira parte da **Germânia** são descritos a origem e os costumes dos habitantes locais, tais como a utilização do solo, os tipos de metais que se encontram, a religião, o calendário, a política, os jogos, funerais, escravos, libertos, etc. A segunda parte é um pequeno trecho da composição que aborda as “instituições e os ritos dos vários povos, do em que diferem e dos que da Germânia imigraram em massa para as Gálias”.¹⁵ Existe muita

¹⁴ PLUTARCO. “Alexandre”. In: __. **Vidas**. São Paulo: Cultrix, s/d, p. 138.

¹⁵ TÁCITO. “A Germânia”, 27. Utilizamos a edição traduzida por Agostinho da Silva e publicada em: **Obras Menores**. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

especulação sobre o objetivo dessa obra. Alguns propõem que seria apenas um “tratado etnográfico”, enquanto outros acham que foi uma forma de Tácito, através da comparação, evidenciar a decadência moral do povo romano.¹⁶ Ainda que a comparação seja um elemento importante a guiar a composição da obra, vale a pena destacar que várias passagens estão centradas exclusivamente na descrição dos germanos. Assim, parece-nos adequado tomar essa obra de Tácito como uma legítima corografia, apesar deste termo ainda não existir em Roma. Como toda corografia, começa situando espacialmente o povo em questão e trata de assuntos genéricos relacionados entre si.¹⁷

A terceira obra de Tácito, escrita aproximadamente no ano 102, foi o **Diálogo dos Oradores**,¹⁸ na qual apresenta a conversação entre os oradores Marcos Apro, Júlio Segundo, Curiácio Materno e Messala sobre a decadência da oratória. O diálogo começa com a indignação de Apro em relação a Materno. Materno havia lido publicamente uma tragédia, de sua autoria, intitulada **Catão**, e Apro achava que ele estava se dedicando muito às letras ao invés de exercer a sua função de orador. Apro argumentava que, enquanto orador, Materno “poderia, ao mesmo tempo, iniciar e conservar amizades, criar laços de dependência e chamar a si províncias, põe de lado uma ocupação que é, em nossa Cidade, a que se pode pensar de maiores frutos quanto a utilidade [...]”¹⁹ para escrever tragédias. Em síntese, é uma discussão que envolve a história da oratória, assuntos relativos a sua composição e inegável utilidade tanto do ponto de vista público quanto pessoal e um debate sobre o caráter do tempo presente em relação às épocas

¹⁶ Ettore PARATORE acredita que a segunda interpretação seria abusiva e prefere a interpretação de que a obra teria a função de mostrar aos romanos o perigo que poderiam ser “essas populações tão válidas, frugais e aguerridas [...]”, Cf. PARATORE, Ettore. Tácito. In: __. **História da Literatura Latina**. Tradução de Manuel Losa. 13 a. reimpressão. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983, p. 728. Para argumentos a favor da segunda postura vide: Fábio Duarte JOLY. (2004), p. 98.

¹⁷ Para mais detalhes sobre a corografia na antiguidade: Momigliano “A Origem da Pesquisa Antiquária.”. (2004).

¹⁸ Para uma discussão sobre o debate acerca da autoria taciteana desta obra: Ettore PARATORE (1983), pp. 722-5.

¹⁹ TÁCITO. “Diálogo dos Oradores”, 5. Utilizamos a edição traduzida por Agostinho da Silva e publicada em: **Obras Menores**. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

passadas. Mais adiante, quando o assunto específico for a retórica, retomaremos esta obra com o objetivo de auxiliar a análise com relação à importância da composição retórica na historiografia romana.

As **Histórias**, escritas entre 108 e 109, começam com a guerra civil que se instaurou em Roma após a morte de Nero. Estima-se que teria um total de doze livros. Chegaram até nós apenas cinco, estando o quinto incompleto. No pouco que resta dessa obra pode-se perceber elementos que não estão presentes nos **Anais** como o relato sobre a fundação de templo,²⁰ a origem do deus,²¹ a concentração na narração dos costumes, geografia e religião de uma única cidade fora dos limites de Roma²² entre outros exemplos. Os elementos historiográficos de sua composição serão discutidos oportunamente, em auxílio ao estudo dessa questão nos **Anais**.

A última obra de Tácito, e a que nos interessa mais de perto, são os **Anais**. Datados entre os anos de 115 e 120 abordam a dinastia Júlio-Cláudia. O relato começa, como toda obra historiográfica de Tácito, com uma breve contextualização que, neste caso, remete ao principado de Augusto. Não escreverá a história do principado de Augusto, pois “os sucessos do antigo povo romano que, segundo sua variedade, ora foram prósperos, ora adversos, já grandes escritores têm publicado: e para as coisas de Augusto não faltaram talentos ilustres [...]”.²³ Sua história merece atenção pois “tudo quanto se escreveu no governo de Tibério, de Cláudio, de Caio, e de Nero é mentiroso em consequência do medo: e o que depois da morte deles se publicou tem o mesmo caráter, por estarem os ódios ainda muito recentes”.²⁴ Colocando-se na posição divina, reivindicada desde Homero, que possibilita a melhor visão dos acontecimentos, Tácito

²⁰ TÁCITO. **Histórias**, II, 4. Utilizamos a edição traduzida por Berenice Xavier. Vol. 1. Rio de Janeiro: Athena, 1937.

²¹ TÁCITO. **Histórias**, IV, 84. Utilizamos a edição traduzida por Berenice Xavier. Vol. 2. Rio de Janeiro: Athena, 1937.

²² Idem, V, 2-13.

²³ TÁCITO. **Anais**, I,1.

²⁴ Idem, Idbem.

dá credibilidade ao seu relato. Não estando envolvido nas circunstâncias pode escrever melhor sobre elas. Grande parte deste livro também perdeu-se no tempo; do principado de Caio Calígula não restou nada, os de Cláudio e Nero estão incompletos e o de Tibério foi o único que permaneceu completo.

Tácito começou com escritos menores e, tendo sua carreira política em boa situação, dedicou-se à escrita da história propriamente dita. No próximo capítulo veremos como a história e algumas temáticas relacionadas, diretamente ou indiretamente à ela, mostraram-se nas obras de Tácito.

3. A HISTÓRIA EM ROMA: DECADÊNCIA E ESCRITA DA HISTÓRIA

“Não é meu intento referir senão as opiniões que se fizeram mais notáveis ou pela sua decência ou pela sua insigne baixeza: porque creio ser o principal objeto dos anais por em evidência as grandes virtudes, assim como revelar todos os discursos e ações vergonhosas, para que, ao menos, o receio da posteridade acautele os outros em caírem nas mesmas infâmias”. TÁCITO. *Anais*, 3, 65.

A principal concepção que orientou a escrita da história em Roma foi a formulação da história enquanto *magistra uitae*. Cícero criou vários lugares comuns para a história: denominou Heródoto como seu pai fundador, a chamou de *magistra uitae* e enumerou suas leis. A concepção de uma história mestra da vida, tipicamente romana, tem como base fundamental o exemplo que é destituído de tempo e lugar. A principal função da história está no ensinamento por meio dos feitos e homens ilustres do passado. Com isso, através da exposição dos grandes exemplos históricos, espera-se incentivar a imitação. Na **História de Roma**, Tito Lívio esclarece que “o que principalmente há de são e fecundo no conhecimento dos fatos é que consider[e]s todos os modelos exemplares, depositados num monumento, em plena luz: daí colhes para ti e para o teu estado o que imitar; daí evitas o que é infame em sua concepção e em sua realização”.²⁵ A história enquanto monumento mostra, na luz da verdade, como os fatos aconteceram e se devem ou não serem seguidos.

A história mestra da vida assemelha-se ao uso que a retórica fazia da história na medida em que esta fornecia uma parte dos exemplos a serem utilizados no debate. A história, enquanto gênero demonstrativo, buscava seus recursos na experiência e na observação do mundo. Os gêneros deliberativo e judiciário, por outro lado, têm seus

²⁵ TITO LÍVIO. *Ab Urbe Condita*. *Apud*: François HARTOG. **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 207.

preceitos e regras muito bem expostas nos tratados de retórica romanos. Com isso, propomos que para entender a escrita da história no período imperial romano se faz necessário o entendimento da retórica na medida em que o conhecimento desta arte era aplicado de forma direta na confecção da história. A retórica fazia parte do conjunto de aprendizados que os homens das classes privilegiadas de Roma deveria empreender.

Nesse capítulo discutiremos alguns pontos que estavam em jogo na hora de escrever história na época imperial. Nessa perspectiva, em um primeiro momento, as máximas ciceronianas servirão como uma espécie de fio condutor do ponto de chegada: a importância da retórica na análise da historiografia taciteana

3.1. COMPOSIÇÃO HISTÓRICA E DECADÊNCIA DOS COSTUMES

Depois de definir a história, Cícero enumerou suas leis: "com efeito, quem ignora que a primeira lei da história é não ousar dizer algo falso? Em seguida, não ousar dizer algo que não seja verdadeiro? Que não haja, ao se escrever, qualquer suspeita de complacência? Nem o menor rancor?".²⁶ O historiador deve criar a sensação em seus leitores de que a verdade é seu único propósito. Mais uma vez em Roma o *topos* da aparência entra em jogo. Cícero, em outra obra, pedindo a um amigo que escrevesse a história da conjuração contra Catilina, na qual esteve diretamente envolvido, sugere que ele faça "brilhar os fatos com mais ardor do que talvez sintas, negligenciando as leis da história". O comprometimento com a imparcialidade foi exposto por Tácito na sua fórmula célebre "*sine ira et studio*". A afirmação de que escreve suas histórias sem ódio nem afeição é particularmente útil. O debate em torno da parcialidade costumeira do historiador persiste até hoje apesar de ter sofrido modificações significativas quanto ao tratamento da temática. Não faltaram historiadores que foram chamados de parciais.

²⁶ CÍCERO. Do Orador. *Apud*: François HARTOG. (2001), p. 151.

Porém, no Império Romano, a falta de parcialidade ou a credulidade nisso poderia custar a vida como bem demonstra o julgamento do historiador Cremúcio Cordo, relatado nos **Anais**.²⁷ No começo das **Histórias** e dos **Anais**, Tácito tenta, através da afirmação de sua imparcialidade, negar uma coisa da qual sabe que provavelmente será acusado.²⁸

Em outra passagem, Cícero expõe como seu amigo poderia escrever a sua história de forma a melhor engrandecer sua glória:

com efeito, do começo da conjuração até nosso retorno, parece-me que se pode compor uma obra de porte médio, e que poderás aplicar tua famosa **ciência das perturbações internas**, na explicação das causas da revolução ou das soluções para os prejuízos, tanto criticando o que julgas censurável, quanto aprovando, com a exposição das justificativas, o que te agrada - quanto ainda, se julgas dever agir o mais livremente, como costumás, **sublinhando a perfídia, as ciladas, a traição** de muitos contra nós.²⁹

Não era apenas Tácito que aplicava a “ciência das perturbações internas” e sublinhava as “perfídias e ciladas”. Ao que tudo indica, já neste período tais movimentos faziam parte do gosto dos ouvintes. Por outro lado, temos a possibilidade da história servir como veículo de promoção pessoal. É pressuposto básico que tudo que é relatado na história, louvável ou não, é digno de memória. Cícero tinha a necessidade imediata de engrandecer a sua glória e viu na história um veículo para tanto. Contudo, o relato teria mais credibilidade se redigido por uma outra pessoa que não fosse ele próprio.³⁰ Aqui se mostram mais dois componentes da história: a busca pela glória e o não envolvimento com a situação relatada que, algumas vezes mal compreendido, foi tomado como “distanciamento temporal”.

Outra face da história é a sua versão como instrumento de ação política. Em seu livro **Diálogo dos Oradores**, Tácito aponta a mudança do espaço político como um dos motivos para a decadência da eloquência em Roma. Na República, o principal local de atuação e debate político era o Fórum onde os oradores tinham a oportunidade de

²⁷ TÁCITO. **Anais**, IV, 34-5.

²⁸ É esta também a conclusão de Fábio Duarte Joly. (2004), p. 53-8.

²⁹ CÍCERO. *Ad Familiares*. *Apud*: François HARTOG. (2001), p. 155-7.

³⁰ *Idem*, p. 159.

mostrar a sua habilidade na eloquência defendendo ou acusando em uma causa. A nova organização social do Império fez com que esse espaço perdesse parte de sua relevância. No **Diálogo**, o orador Materno, tratando desse assunto, se pergunta: “para quê muitos discursos perante o povo, quando não são os incompetentes e o maior número quem delibera, mas sim um só, e o mais sábio?”.³¹ O *princeps* era a figura que tinha papel político central e sua casa, a *domus Caesaris*, era o espaço que concentrava maior possibilidade de distribuição de benefícios. O espaço de articulação política, em grande medida, passou do Fórum para a *domus*. Além do mais, as perturbações que emergiam no regime republicano alimentavam a eloquência na medida em que havia muitos casos a serem julgados. Materno argumenta que:

há efetivamente, uma larga diferença entre se ter de falar de furtos, de fórmulas ou de interditos, ou da propaganda nos comícios, da pilhagem dos aliados, do morticínio de cidadãos. Se é certo que é melhor que estes males não aconteçam e que deve ser considerado como o mais perfeito regime da Cidade aquele em que não soframos tais coisas, é igualmente verdade que, ao sucederem, subministram à eloquência grandes assuntos. Cresce, efetivamente, com a amplitude dos acontecimentos a força do engenho e não pode pronunciar um brilhante e notável discurso quem não tenha encontrado causa adequada.³²

O que estava em jogo é que todos queriam um governo estável, mas, na medida que o têm, a oratória decai. Na República a eloquência era nutrida através das guerras civis que propiciavam grandes assuntos e uma vida instável. Com a estabilidade do regime imperial a eloquência naturalmente perde sua força, pois a estabilidade política não permite mais as grandes guerras romanas. Outro ponto importante em relação à decadência da oratória é a mudança na educação dos jovens romanos apresentada pelo personagem Messala. Ele argumenta que antigamente os jovens eram criados pela senhora mais digna da família e agora são deixados às criadas e aos escravos.³³ Acrescenta-se a isso o infrutífero ensinamento da retórica. Antes os alunos aprendiam

³¹ TÁCITO. Diálogo dos Oradores, 41.

³² Idem, 37

³³ Idem, 29.

acompanhando o principal orador para todos os lugares, enquanto naquele tempo são instruídos pelos rétores deixando de lado o ensinamento adquirido com a experiência prática verdadeira, no Fórum, para aprender a simples declamação de discursos suasórios e controversos. Cícero foi um magnífico orador pois:

[...] não lhe faltou conhecimento da geometria, nem da música, nem da gramática, nem, finalmente, de qualquer das artes liberais. Aprendera as subtilezas da dialética, a utilidade da moral, os movimentos da natureza e suas causas. E é, excelentes amigos, é dessa enorme erudição, é desses numerosos conhecimentos, é dessa sabedoria de todas as coisas que emana e flui aquela sua admirável eloquência; o vigor e a capacidade da eloquência não se encerram, como outras coisas, em estreitos e breves limites, mas **é orador aquele que pode falar de qualquer tema com pulcritude, com elegância, de forma persuasiva e segundo a dignidade do assunto, a oportunidade da intervenção e o gosto dos ouvintes.**³⁴

A erudição é apresentada como condição fundamental para o falar bem. Um bom orador deve “conhecer a natureza humana, o vigor das virtudes, a depravação dos vícios e o entender daquelas coisas que se não podem enumerar entre as virtudes e os vícios”.³⁵ Todos esses conhecimentos, conforme o gosto da época, foram empregados por Tácito na composição de suas histórias. As explicações dos personagens Materno e Messala em relação a decadência da oratória tem um viés tipicamente taciteano. Tanto a decadência dos costumes quanto a mudança na organização política são peças fundamentais para explicar os governos dos imperadores que Tácito relata. O mau governante é ao mesmo tempo fruto da sociedade em que vive e produtor de vícios gerando, assim, o paradoxo relato na **Vida de Agrícola**. Depois de longo período de maus governantes, Nerva torna-se príncipe, restabelecendo a liberdade, porém:

[...] pela natural debilidade, mais tardos são remédios do que males; assim, pois, como nossos corpos crescem com lentidão e rápidos se extinguem, **assim também mais facilmente se oprimem do que se restabelecem o talento e o estudo**; efetivamente, do próprio estar inerte vem agrado e à inação, odiada primeiro, depois se quer.³⁶

³⁴ TÁCITO. Diálogo dos Oradores, 30.

³⁵ Idem, 31.

³⁶ TÁCITO. Vida de Agrícola, 43. Utilizamos a edição traduzida por Agostinho da Silva e publicada em: **Obras Menores**. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

Um bom governante não é suficiente em si para produzir uma sociedade melhor, pois a passagem do vício para a virtude é um processo lento que envolve a mudança nos próprios costumes. O mau governante não compromete apenas a estrutura econômica e política do Império, mas o próprio caráter dos cidadãos. Tibério, Caio, Cláudio e Nero, não foram apenas maus governantes do ponto de vista administrativo; com seus exemplos alastraram o vício e a servidão por toda a sociedade já que o *princeps* é o grande modelo a ser seguido pelos cidadãos. Com um governo fundamentado no vício e no medo, dificulta-se o caminho para a virtude e a liberdade reinarem. O bom governante é aquele que consegue ser virtuosos e incentiva os cidadãos a seguir seu exemplo. Definir um modelo de bom ou mau governante taciteano é uma tarefa muito difícil tendo em vista que cada um dos Júlio-Claúdios, por exemplo, foram condenados em aspectos diferentes. Contudo,

a paixão do poder, essa antiga paixão inerente ao coração do homem, cresceu e rebentou ao mesmo tempo que a grandeza do império. Nos começos de Roma, a igualdade era fácil de conservar, porem quando o mundo inteiro foi submetido e os nossos rivais, povos e reis, abatidos, pôde-se ambicionar em toda liberdade as grandezas já então asseguradas. Eram, ora tribunos facciosos, ora cônsules opressores e, na cidade e no Fórum, tentativas de guerra civil. Em breve, Mario, o mais obscuro dos plebeus, e Sila, o mais cruel dos nobres, estabeleceram **a dominação de um só sobre as ruínas da liberdade**, vencida por suas armas. Em seguida, veio Pompeu, mais dissimulado e igualmente perverso, e desde então não se combateu mais a não ser pela conquista do poder supremo.³⁷

O mau governo está na origem do próprio império romano que, com sua grandeza, despertou a ambição dos cidadãos. Com isso, o que existia em Roma era um mal de origem e não um simples problema que poderia ser resolvido tendo um *princeps* que se guiasse pelos princípios morais corretos.

Outro ponto de destaque no **Diálogo dos Oradores** é a discussão entre Materno e Apro sobre a utilidade das artes escritas, exemplificada pela poesia. Apro alega que esse tipo de escrita traz glória inane e infrutífera.³⁸ A essa proposição Materno responde que:

³⁷ TÁCITO. **Histórias**, II, 32.

³⁸ TÁCITO. **Diálogo dos Oradores**, 9.

“comecei a me tornar famoso com a leitura de tragédias, porque foi com *Nero* que destruí o vergonhoso poder de Vatínio, que julgava o que há de mais sagrado nos estudos; hoje, se tenho alguma fama e algum nome, creio que mais vieram dos versos que dos discursos”.³⁹ Materno alega que não só obteve glória como conseguiu, através de suas tragédias, derrotar um adversário político. Frente ao declínio da oratória as outras artes escritas se tornam de grande valia para a atuação política. O espaço das disputas no principado moveu-se do espaço público para o espaço doméstico sendo a *domus* o principal lugar onde ocorrem as articulações políticas e tendo o banquete como o lugar privilegiado de leitura das obras. A circulação e a atuação política no espaço público na República eram reservadas aos cidadãos homens. Por outro lado, na *domus* as pessoas que circulam e moram nela são de origem e estamentos distintos e todas elas têm a oportunidade, em maior ou menor grau, de interferir ativamente nos assuntos do império. É nesta nova organização social que surgem os libertos que acumulam grandes fortunas e postos elevados e mulheres que podem, através da proximidade com o imperador, atuar politicamente. Anteriormente ambos estavam excluídos do Fórum e, conseqüentemente, do âmbito das decisões políticas. Como a história em Roma era dedicada em especial às grandes figuras que interferiam nos negócios públicos e estava preocupada com a exortação moral, a possibilidade de intervenção, a curto prazo, na realidade através dessa forma de escrita era grande. Por meio do relato dos maus imperadores, Tácito, ao mesmo tempo, narra e faz um diagnóstico da sociedade romana, permitindo, assim, tanto ensinar como mostrar o que deve ser seguido ou renegado. Mesmo narrando fatos passados, a história não deixa de influenciar e afetar o presente.

3.2. RETÓRICA E HISTÓRIA

³⁹ Idem, 11.

Outro debate corrente na Antiguidade Clássica é a utilização de elementos estilísticos na composição historiográfica. Tucídides foi o grande expoente grego defensor de uma história sem ornamento.⁴⁰ Para ele, os poetas ornariam os fatos para os tornarem maiores, enquanto os logógrafos para os tornarem mais atraentes ao auditório. Por outro lado, ele só desejava mostrar a verdade dos fatos, o que excluía o uso da ornamentação poética.⁴¹ Essa possível contradição entre adorno poético e verdade nua não foi estabelecida em Roma devido à estreita relação que existia entre retórica e história.

A retórica ganhou destaque em sua formulação positiva dentro da cultura grega com a elaboração da **Retórica** por Aristóteles. A retórica foi entendida como a faculdade de observar em qualquer caso as formas possíveis de persuasão.⁴² Entre a teorização grega e a romana existem diversos aspectos que são semelhantes e outros que foram acrescentados de forma decisiva pelos romanos, como é o caso da memória enquanto faculdade do orador. O primeiro manual de retórica a tratar da memória como capacidade que o orador deveria possuir é a **Retórica a Herênio**, escrita no século I a.C., e que durante muito tempo foi atribuída a Cícero por estar dentro dos códices que continham sua obra, mas que atualmente é considerada de autoria desconhecida. Segundo este tratado, um orador deveria possuir invenção, disposição, elocução, memória e pronúncia. Sendo a invenção a busca e descobrimento dos argumentos adequados para provar uma tese;⁴³ a disposição a capacidade de arranjar adequadamente as evidências e provas ao longo do discurso; a elocução o momento que se confere uma forma lingüística às idéias; a memória “[...] a firme apreensão, no ânimo, das coisas, das palavras e da disposição”⁴⁴ e a pronúncia a arte de falar que é dividida em três estilos:

⁴⁰ Para sua infelicidade foi correntemente lembrado na Antiguidade pela beleza da sua oratória.

⁴¹ TUCÍDIDES. História da Guerra do Peloponeso. *Apud*: François HARTOG. (2001), p.79.

⁴² ARISTOTLE. **Rhetoric**, I, 2, 1355b. Utilizamos a edição Americana traduzida por: W. Rhys Roberts. Mineola: Dover Thrift Editions, 2004.

⁴³ Na **Retórica a Herênio** é apontada como a parte mais difícil do discurso.

⁴⁴ [Cícero]. **Retórica a Herênio**. I, 3. Utilizamos a recente tradução brasileira feita por Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

grave, médio ou tênue. A memória, como característica do orador, é uma adição legitimamente romana. Na **Retórica a Herênio** a memória é dividida em natural e artificial. A primeira vem do nascimento, enquanto a artificial adquire-se com o exercício retórico e divide-se em lugares e imagens. Os lugares estão ligados à dimensão espacial e as imagens, à forma.⁴⁵ Assim, a partir da lembrança da imagem, seguir-se-ia para a dos lugares. Por isso, é necessário dispor tanto as imagens quando os lugares em ordem.⁴⁶ No referido tratado é citado como exemplo da mnemotécnica um caso de envenenamento:

Se quisermos lembrar disso prontamente, para fazer a defesa com desenvoltura, colocaremos, no primeiro lugar, uma imagem referente ao caso inteiro: mostraremos a própria vítima, agonizante, deitada no leito. Isso se soubermos quais são suas feições; se não a conhecemos, tomaremos um outro como doente, mas não de posição inferior, para que possa vir à memória prontamente. E colocaremos o réu junto ao leito, segurando um copo com a mão direita, tábuas de cera com a esquerda e testículos de carneiro com o dedo anular. Assim conseguiremos lembrar das testemunhas, da herança e da morte por envenenamento.⁴⁷

Com a disposição apresentada é possível tanto ao orador como ao ouvinte lembrarem mais facilmente do caso. A descrição e os elementos chaves da cena são fundamentais para a memorização e a vívida apreensão da imagem. Esperava-se que o historiador montasse seu relato ao invés de apenas rememorar coisas acontecidas. Quanto mais perfeita fosse a imagem mais facilmente atingiria o efeito desejado – o não esquecimento no tempo - e maior seria a glória do orador. O principal é que se tenha algo exemplificador, não complexo, de todo o caso para facilitar a memorização.

Outro ponto importante de fixação na memória é a intensidade da imagem. Se esta for forte e incisiva será mais fácil de ser lembrada do que ser for fraca e obtusa:

As coisas pequenas, mezinhas, corriqueiras, que vemos na vida, não costumamos guardar na memória, porque nada de novo ou admirável toca o ânimo. Mas, se vemos ou ouvimos algo particularmente torpe, desonesto, extraordinário, grandioso, inacreditável ou ridículo, costumamos lembrar por muito tempo. É assim que

⁴⁵ Idem, III, 29.

⁴⁶ Idem, III, 31.

⁴⁷ Idem, III, 33.

esquecemos a maioria das coisas que vemos ou escutamos a nossa volta, mas quase sempre nos lembramos muito bem de acontecimentos da infância. **Isso não pode ter outra causa senão que as coisas usuais facilmente escapam à memória, as inusitadas e insignes permanecem por mais tempo.**⁴⁸

O enredo dos **Anais**, particularmente, é a aplicação desta máxima retórica na medida em que os acontecimentos de um império baseado na adulação e no medo é fonte de desgraça e de acontecimentos calamitosos.

A escrita da história por Tácito foi pensada através do ornamento de sentença retórico denominado *exemplum* que é a utilização de eventos e personagens do passado para melhor demonstrar uma situação.⁴⁹ O exemplo tem o objetivo de mostrar, diante dos olhos, o que aconteceu. “Além disso, os exemplos ocupam o lugar de testemunhos. Aquilo que o preceito recomendou e o fez levemente é comprovado pelo exemplo, como se fosse um testemunho”.⁵⁰ Escolhia-se o evento que fosse o mais completo sobre um caso que se desejasse mostrar, selecionava-se os momentos que melhor demonstravam a hipótese e montava-se uma estrutura textual que favorece a memorização do relato. Tácito escolheu os Júlio-Cláudios por achar que eram o exemplo pleno da decadência dos costumes romanos, selecionou os fatos dentro de cada principado que mostrasse essa contínua degradação romana e montou sua história de forma que seus leitores e/ou ouvintes pudessem lembrar mais facilmente dos eventos, ou seja, dramaticamente.

Um dos caminhos para entender a escassa citação de fontes por Tácito, principalmente como forma de provar a veracidade do que é relatado, é a diferença epistemológica que o termo verdade tinha em sua época em relação à contemporaneidade. Apesar da historiografia romana inovar em relação à grega na larga utilização de fontes públicas documentais, não havia, obviamente, a concepção de uma história científica em Roma. A história taciteana tem o objetivo de demonstrar a

⁴⁸ Idem, III, 5.

⁴⁹ [Cícero]. (2005), IV, 60-62.

⁵⁰ Idem, IV, 2.

degradação dos costumes romanos num certo período utilizando como veículo principal os exemplos extraídos da própria história do povo romano. Não haveria a necessidade latente de testemunhos; o que Tácito relata está diante dos olhos: é a própria demonstração histórica. O exemplo na retórica romana serve para **demonstrar** como é o que se disse e o testemunho serve para **confirmar** que é como se disse.⁵¹ Assim, através da história, demonstrar-se-iam como as coisas foram e como se desenrolaram.

O ornamento de sentença *demonstratio*, que significa exprimir “um acontecimento com palavras tais que as ações parecem estar transcorrendo e as coisas parecem estar diante dos olhos”⁵² é o equivalente latino da *enargeia* grega. Carlo Ginzburg, em artigo sobre os elementos textuais que fazem com que o leitor tenha a percepção de que os fatos relatados dentro de um texto histórico são reais, coloca a *enargeia* como um desses elementos que garantem um efeito de verdade histórica.⁵³ Na Antigüidade, a força da *demonstratio* como garantidora da posição de verdade do trabalho historiográfico sobrepujou o uso de testemunhas.

A importância principal, para nossa análise, na adição da memória à retórica está na posição destacada que a composição da imagem adquire em Roma no sentido de não deixar as coisas caírem no esquecimento. Os romanos tentaram, por meio da retórica, dar vida longa a sua história. Em primeiro lugar, a memória pode ser pensada juntamente com a tradição analítica seguida, em larga medida, por Tácito. Tal tradição herdou dos *Annales pontificum* a forma de organizar a história, ou seja, inicia-se o ano com o nome dos cônsules e depois se relatam os principais acontecimentos deste período. Em uma tábua pintada de branco o *pontifex maximum* escrevia anualmente os principais acontecimentos da cidade de Roma sem nenhum ornamento.⁵⁴ Podemos afirmar que,

⁵¹ Idem, IV, 5.

⁵² Idem, IV, 68.

⁵³ Carlo GINZBURG. Ekphrasis e citação. **A micro-história e outros ensaios**. Tradução de António Narino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 219-20.

⁵⁴ Arnaldo Momigliano levanta a hipótese que do começo para o fim da República os Anais foram manipulados, aumentados e falsificados, englobando, assim, acontecimentos políticos e militares que

pelo menos, desde Cícero a composição dos *Annales* sofreu grandes mudanças. Cícero argumenta que,

de fato, a organização dos anais prende-nos mediocrementemente, da mesma forma que a enumeração dos fatos, enquanto freqüentemente as desventuras perigosas e variadas de um homem eminentemente geram admiração, atenção, alegria, pena, esperança, medo; e se terminam com uma morte insigne, o espírito então se eleva pelo agradabilíssimo prazer da leitura.⁵⁵

Nos **Anais**, Tácito utiliza da forma analítica abrindo cada ano com a indicação dos cônsules que governaram, mas têm clara a certeza de que a história é indissociável do ornamento que a retórica propicia. A escolha da forma analítica por Tácito para relatar sua história pode ser entendida através da facilidade que a ordenação traria para a lembrança do relato.

O outro ponto em que a memória nos auxilia na análise das obras historiográficas de Tácito é em relação às imagens. No tratado retórico apresentado, um elemento fundamental para se lembrar é a força da imagem. Quanto mais algo é “torpe, desonesto, extraordinário, grandioso, inacreditável ou ridículo, costumamos lembrar por muito tempo”. O foco principal da narrativa taciteana é a decadência moral do império e de seus imperadores e dos que o cercam. Dentro da sua narrativa não faltam imagens do gênero descrito na **Retórica a Herênio** que são parte central na trama. Como o próprio Tácito declara,

sei muito bem que muitos dos fatos que tenho referido, e que ainda espero referir, hão de parecer talvez a certa gente coisa de pouca importância, e como tais indignas de memória; porém não se devem comparar os meus Anais com as histórias antigas do povo romano.⁵⁶

Tácito tem clara consciência de que está escrevendo um outro tipo de história, com um enfoque e composição diferentes dos historiadores latinos que o antecederam. Enquanto Lívio escreveu uma história monumental do povo romano que remontava as origens míticas e tratava de grandes guerras civis, ele está fadado a escrever sobre um

antes não existiam, pp.139-141.

⁵⁵ CÍCERO. (2001), p. 157.

⁵⁶ TÁCITO. **Anais**, IV, 32.

império que correntemente esteve em um regime de paz e que tem como ponto principal de atuação política a *domus Caesaris*. Tácito não tratará de grandes guerras, mas de grandes escândalos e decadências morais de uma forma que no final seu leitor estará apto a reconstruir as imagens que ele criou. Sua predileção pelo estilo retórico asiático, exuberante e grandiloqüente,⁵⁷ na composição de seus personagens e desenrolar de tramas tornou-se parte constituinte de sua narrativa.

Como tentamos demonstrar até agora, o entendimento dos preceitos da retórica pode ser de grande utilidade para entender a historiografia romana e, conseqüentemente, a composição histórica taciteana. Como a história compunha o gênero demonstrativo era natural que o historiador se utilizasse dos elementos retóricos quando fosse compor sua obra. A história, assim como os discursos, tinha a sua leitura pública, meio pelo qual a difusão da obra era mais corrente. A oratória e a história caminhavam juntas;⁵⁸ a história estava dentro da retórica na medida em que era um sub-gênero do discurso demonstrativo.⁵⁹ Longe de querer levantar um debate em torno da má leitura sobre a retórica que desembocou na sua compreensão como o “falar bem sem conteúdo”, gostaríamos de chamar a atenção para a aplicação da retórica dentro do trabalho historiográfico.

Fábio Joly, em seu livro dedicado ao estudo da metáfora da escravidão em Tácito, sugere o abandono das análises estilísticas, que ressaltam apenas a função de entretenimento da retórica, e propõe uma sociologia da retórica. A metáfora da escravidão, enquanto figura de linguagem, não seria apenas um ornamento, mas reveladora de uma prática social, ou seja, a adesão dos cidadãos ao regime político vigente.⁶⁰ Sem negar ou abdicar das possibilidades de análise, em nosso trabalho as

⁵⁷ Ettore PARATORE, p. 724.

⁵⁸ CÍCERO. *El orador*, 66. Utilizamos a tradução espanhola trasuzida por: E. Sánchez Salor. Madrid: Alianza Editorial, 2004, e PLÍNIO O JOVEM. *Cartas*. *Apud*: HARTOG. (2001), p. 169.

⁵⁹ Renato AMBRÓSIO. Cícero e a História. *In Revista de História da USP*. Número 147, 2º semestre de 2002, p. 29.

⁶⁰ Fábio Duarte JOLY. (2004), p. 48-59.

questões relativas à composição da obra assumem um lugar central. A história, até o século XVIII, sempre teve duas funções claras: entreter e ensinar. Na época moderna, muitos alegam que essas são palavras com símbolos opostos e que entreter carrega tacitamente uma não-verdade em si. Esse não era o entendimento que Tácito tinha da questão. A retórica era o aparato técnico que conseguia ao mesmo tempo entreter e ensinar. Como vimos anteriormente, a retórica não está presente na obra historiográfica taciteana apenas para divertir seu público ou como reveladora de práticas sociais, ela faz parte da própria forma como se compõe a história, e é, de certa forma, o horizonte limitador da composição do trabalho historiográfico na medida em que está intrinsecamente ligada a este. Tácito pensava na composição de sua obra utilizando-se da retórica e aplicava os elementos de composição oferecidos por esta. Trabalhos que aprofundem essa questão serão de grande contribuição para o melhor entendimento da historiografia romana.

4. PROBLEMAS DE SE ESCREVER UMA HISTÓRIA DO IMPÉRIO: DISIMULAÇÃO E CORRUPÇÃO MORAL

A Antigüidade Clássica teve duas preocupações que a escrita da história contemplou: a preservação da memória e o ensinamento. Desde seu pai fundador o relato da história era feito “para que nem os acontecimentos provocados pelos homens, com o tempo, sejam apagados, nem as obras grandes e admiráveis, trazidas à luz [...] se tornem sem fama”.⁶¹ Na memorialística antiga a preocupação era com a exposição de uma história que, focando as grandezas de um povo, tinha como objetivo manter viva na memória das pessoas os feitos gloriosos acontecidos. Apenas em Roma que o ensinamento das virtudes através das grandes figuras históricas será efetivamente consolidado. A historiografia romana esteve correntemente preocupada em não deixar cair no esquecimento os feitos ilustres e de ensinar através da história. Até o século I ambas as perspectivas tratavam a história sempre em seu lado positivo, buscando os grandes exemplos virtuosos, feitos gloriosos ou homens ilustres.

Toda a historiografia clássica anterior a Tácito sempre utilizou desse modelo de entendimento baseado na escrita do bom e do justo. Contudo, Tácito não consegue mais ver seu tempo como grande produtor de virtudes, o que não anula a existência delas.⁶² O que descreve não se limita aos grandes homens e suas virtudes. Expande a sua narrativa centrando nos príncipes viciosos e numa sociedade corrompida pelo luxo. Disso deriva que sua história é totalmente inovadora na medida em que propõe, através da explanação das causas e conseqüências, **a recusa à imitação**. O princípio de uma história mestra da vida é o mesmo. O que muda é como o efeito desejado é alcançado. No principado de Nero, Tácito escreve que:

⁶¹ HERÓDOTO. *Histórias*. *Apud* HARTOG, François. (2001), p. 43.

⁶² TÁCITO. *Histórias*, I, 2-3.

por todas estas maravilhas decretaram-se ofertas para todos os templos; o que de propósito quero relatar **para que aqueles que lerem os fatos deste tempo, escritos por mim, ou por outros autores, saibam de uma vez, que em todas as ocasiões que o príncipe ordenou assassínios ou desterros sempre se mandaram dar graças aos deuses: de maneira que aquilo, que antigamente era o sinal de públicas fortunas, só veio a ser depois o símbolo de públicas desgraças.** Contudo nunca deixarei ainda de referir qualquer outro senatus consulto que se fizer notável ou por **alguma nova espécie de adulação**, ou por algum exemplo de **excessiva paciência**.⁶³

A memória que Tácito tenta reavivar é a que condena e julga o passado como indigno de ser imitado. Coloca a história como o “tribunal da posteridade” em que os feitos não serão escritos apenas para serem memorados, mas para serem julgados. François Hartog propõe que “quando há crise, experiência de uma ruptura entre o passado e o presente, o modelo da *historia magistra* entra também em crise: deve-se imitar, mas não se pode mais”.⁶⁴ Tácito resolve essa experiência de ruptura com o passado invertendo a proposição da história mestra da vida relacionada à imitação. Não que não se possa mais imitar, não se deve mais imitar.

O modelo explicativo do passado romano como decadência começa a se delinear somente a partir de Tito Lívio. Em seu célebre Prefácio, expõe o Império como uma época que a degeneração dos costumes está num momento crítico e que “não podemos mais suportar nem nossos vícios, nem seus remédios”.⁶⁵ Contudo, não há uma formulação clara da memória como reforço negativo, pelo contrário, o autor almeja esquivar-se do “espetáculo dos males”.⁶⁶ Lívio vê no Império características positivas que superam as negativas já que “jamais nenhum estado foi maior, mais venerável, mais rico em bons exemplos, nem houve nunca cidade na qual a cobiça e o luxo se tenham introduzido tão tarde, nem onde a honra dada à pobreza e à parcimônia fosse tão

⁶³ TÁCITO. *Anais*, XIV, 64.

⁶⁴ François HARTOG. (2001), p. 220.

⁶⁵ TITO LÍVIO. *Ab Urbe Condita*. *Apud* François HARTOG. (2001), p. 207.

⁶⁶ *Idem*, p. 205.

grande”.⁶⁷ Lívio viveu no principado de Augusto e concebia a sociedade romana dependente de uma liderança que conduzisse o Império. Sem essa liderança, teríamos a desagregação tanto em razão dos vícios romanos quanto em função das ameaças exteriores. A sombra da decadência só poderia ser superada com um novo regime político. Sua história remonta a tempos míticos tentando suprir a necessidade de tornar presente a magnitude romana e evidenciar como o momento presente era diverso de todos os demais.

Tácito não tinha mais essa visão de mundo que foi posta abaixo pela própria experiência do tempo. Apesar de Tácito e Lívio terem propostas historiográficas diferentes estão buscando o mesmo resultado: a superação da decadência romana. A escolha de tratar do principado dos Júlio-Cláudios é de extrema relevância se pensarmos a partir do prefácio dos **Anais** em que acusa não haver sob aqueles príncipes liberdade de expressão para que uma história verdadeira fosse escrita, só existindo então o medo e a adulação. Na seqüência, Tácito afirma que ele pode escrever uma história sem ódio nem rancor, pois o período em que vive propicia as condições para tanto. Com essa distinção temporal, Tácito enfatiza que houve um tempo de decadência que deve ser mostrado, mas Roma pode alcançar a restauração. Os **Anais** são a tentativa de evidenciar a regeneração romana.

No **Diálogo dos Oradores**, Tácito adianta o que será sua proposta historiográfica. O ponto central na discussão neste diálogo é a decadência da oratória. Existe uma noção de que o governo de Vespasiano seria inferior ao período republicano na arte da eloqüência. O orador Apro defende o argumento de que essa afirmação seria inválida já que os antigos de que tratam seriam quase que contemporâneos, pois existe menos de cem anos de distância entre eles. Para Apro seria um problema de cronologia essa sensação de decadência e, muito mais que isso, seria um problema de incompreensão de época:

⁶⁷ Idem, p. 207.

não estou querendo saber qual o mais eloqüente; contento-me com o ter provado que não é um só o rosto da eloqüência, que naqueles mesmos a que chamais antigos se surpreendem vários aspectos, que não é alguma coisa inferior a outra apenas por ser diferente e que é por um vício da maldade humana que sempre se louva o velho e que do presente se desdenha.⁶⁸

A postura de Apro é que a exaltação e delimitação de um passado pouco distante não permite que se veja as qualidades do tempo presente.

A problemática da decadência da oratória é explicada de outra forma pelo orador Messala. Para ele a decadência existe e foi gerada pelo “descaso da juventude, pela negligência dos pais, por ignorância dos mestres e por esquecimento dos costumes antigos”.⁶⁹ A sociedade estava menos preocupada com seus costumes que envolviam tanto a educação quanto a tradição. Na República as crianças eram educadas pela mulher mais virtuosa da casa. “Agora, porém, a criança, quando nasce, é entregue a qualquer criadinha grega, à qual se juntam um ou dois dos escravos, quaisquer deles, na maior parte das vezes ordinaríssimos e impróprios para serviços sérios”.⁷⁰ É esse tipo de educação que Tácito atribuiu a Nero. O gosto deste imperador pelos histrões, pela música, pelo teatro e demais artes “gregas” é apontado como um sinal negativo dentro dos **Anais**. Em sua infância, Nero foi criado por escravos que mais tarde irão servir de apoio para seus atos moralmente condenáveis. No princípio do governo deste imperador, Tácito afirma que o discurso de ascensão feito por Nero foi escrito por Sêneca e que era o primeiro imperador romano a não saber a arte da eloqüência. Nero gostava de outras coisas e “desde a sua primeira idade começou logo a aplicar para outros objetos o seu espírito inquieto: exercitava-se nas artes do buril, da pintura, música vocal, e do manejo dos cavalos [...]”.⁷¹ Esse argumento de Tácito da decadência

⁶⁸ TÁCITO. Diálogo dos Oradores, 18.

⁶⁹ Idem, 28. O argumento da decadência da oratória gerada pelo descaso dos pais em relação aos filhos também é encontrado em PETRÔNIO. **Satyricon**. Belo Horizonte: Crisálida, 2004, I-V.

⁷⁰ TÁCITO. Diálogo dos Oradores, 29.

⁷¹ TÁCITO. **Anais**, XIII, 3.

dos costumes refletidas em Nero é central na composição deste personagem e será retomado em sua plenitude quando Agripina é assassinada por ordem de seu filho.

Tácito também pretende separar o que na época moderna tentou-se juntar: a cultura clássica. Quando busca a fundação de Roma, utiliza o mito de Rômulo e Remo, assim como Lívio. Virgílio é totalmente descartado na sua proposição de que os romanos teriam como fundador Enéas, um sobrevivente da Guerra de Tróia e, fundamentalmente, grego. A origem que Tácito busca é a dos sabinos e latinos, almejando uma Roma romana e não grega. Todas as menções aos costumes gregos feitas por ele são negativas e Nero inicia a sua fase de decadência quando começa a mostrar-se como um apreciador dos costumes gregos.

Outra explicação para a decadência da oratória é apresentada pelo personagem Materno e que, em certa medida, Messala também corrobora. O argumento de Materno é que eles degeneraram muito mais, quando comparados aos antigos, com relação à liberdade do que quanto à eloquência.⁷²

Um dos problemas que a história de Tácito enfrentou foram os *arcana imperii*. Com o advento do principado a esfera de decisões foi transposta do Fórum, um lugar que era visto como o espaço em que a persuasão era central para conseguir se destacar, para a *Domus*, onde o que importava para se tornar proeminente era a opinião do Imperador. Assim, ocorreria uma transição do convencimento de muitos para a adulação de um só como forma de promoção social. A presença da *dissimulatio*⁷³ foi, cada vez mais, sendo ressaltada pela historiografia romana como parte constitutiva do jogo político. A caracterização do imperador Tibério, nos **Anais**, como um homem

⁷² TÁCITO. Diálogo dos Oradores, 27.

⁷³ O livro de Plutarco intitulado **Como distinguir o bajulador do amigo** pode ser entendido nesse contexto da dissimulação. John PERCIVAL. Tacitus and the principate. *In Greece and Rome*. 2, 27, 1980, p. 119 propõe que dominação estaria ligada a dissimulação.

enigmático está de acordo com a própria origem e fundação do principado⁷⁴ como um regime político em que tudo mudava de acordo com os interesses do momento. Após um dos discursos de Tibério aos senadores, Tácito declara que:

deste discurso havia mais ostentação do que a verdade: e tal era Tibério, que ainda nas coisas que de propósito não queria ocultar, ou fosse por hábito, ou por caráter, empregava sempre as expressões mais obscuras e equívocas: e por conseqüência agora que **se esforçava por encobrir profundamente seus pensamentos**, muito mais confuso e ininteligível se fazia.⁷⁵

O grande número de rumores que Tácito relata e mesmo a freqüente menção de “uns dizem isso, outros dizem aquilo” pode ser vista como um dos sintomas dessa falta de transparência da sociedade imperial.⁷⁶ O *topos* do condicionamento entre liberdade política e verdade histórica começa a se delimitar nesse contexto do Principado.

O regime político seria de fundamental importância na medida em que ele poderia inibir as virtudes, como mostra o já citado exemplo de Cremucio Cordo. Se, por um lado, o imperador coibiria os cidadãos que quisessem se manifestar livremente, por outro, a própria sociedade reproduziria indivíduos corrompidos. John Percival argumenta que a liberdade a qual Tácito se remete seria a possibilidade de poder se expressar contra ou de se expressar sem medo de represálias.⁷⁷ Nessa perspectiva, o próprio Tácito aparece como um modelo de *libertas* já que durante governos tirânicos como o de Domiciano prosperou consideravelmente.⁷⁸

Não são apenas condições imediatas, na medida em que as entendemos como condicionantes da escrita da história, que delimitam o que uma história irá contar; existe também uma tradição que se impõe a Tácito. Judith Ginsburg demonstrou como a

⁷⁴ Para uma explicação detalhada sobre a relação direta entre o caráter de Tibério e a natureza do principado: Miriam GRIFFIN. Tacitus, Tiberius and the Principate. In MALKIN, I. and RUBINSOHN, Z.W. (eds.). **Leaders and Masses in the Roman world: studies in honor of Zvi Yavetz**, Mnemosyne Supplementum 139, Leiden, 1995.

⁷⁵ TÁCITO. **Anais**, I, 11.

⁷⁶ Katherine CLARKE. In arto et inglorius labor: Tacitus' Anti-history. In **British Academy**, 114, 2002, p. 95.

⁷⁷ John PERCIVAL. Tacitus and the principate. In **Greece and Rome**, 2, 27, 1980, p. 125.

⁷⁸ Idem, p. 127-9.

estrutura analítica seguida na república com sua ordem cronológica e anunciação dos consulares, apesar de parecer central na narrativa taciteana não passa de elemento formal.⁷⁹ A organização de sua história não é mais estritamente cronológica. Outro ponto interessante em relação à tradição historiográfica é a inserção de prodígios nos **Anais**. Em um trecho das **Histórias**, Tácito coloca que:

certo, seria indigno da severidade desta obra recolher fábulas para divertir a credulidade dos leitores; mas há tradições às quais se dá um crédito tal, que eu não ousaria rejeitá-las. No dia da batalha de Bedriac (dizem os habitantes da região), uma ave de uma forma estranha pousou perto de regium Lepidum, em um bosque muito freqüentado e ali ficou, sem se assustar com a aproximação das pessoas ou das aves que revoavam em torno dela, até o momento em que Othon se apunhalou. Então, desapareceu, e comparando-se a hora, reconheceu-se que o começo e o fim desse prodígio concordavam com o momento da morte do príncipe.⁸⁰

Mesmo que Tácito não achasse que os prodígios sempre expressassem a verdade, fazia parte da tradição historiográfica, que remonta a Heródoto,⁸¹ a inserção deles na narrativa. Nos **Anais** isso é mais claro. Enquanto nas **Histórias** ainda existe certa relatividade quanto à veracidade do maravilhoso, nos **Anais** eles têm um papel quase que alegórico. A maioria das vezes são inseridos com um caráter de presságio como é o caso do final do livro décimo terceiro em que descreve que: “neste mesmo ano a figueira Ruminal, que está no comício, e que oitocentos e quarenta anos antes já tinha servido de abrigo a Rômulo e Remo, perdeu todos os seus ramos, e teve o tronco quase seco; o que se tornou como um funesto prodígio, até que tornou a reverdecer”.⁸² Nada se modificou com a anunciação deste prodígio, apenas a crença na modificação é que sustentava a sensação de mudança. Por outro lado, a partir do momento em que um prodígio não se apresenta mais como tal - “o que se tomou como um funesto prodígio, até que tornou a reverdecer” - ele é descartado como forma de explicação dos

⁷⁹ Judith GINSBURG. **Tradition and theme in the Annals of Tacitus**. Salem, N.H.: Ayer, 1981.

⁸⁰ TÁCITO. **Histórias**, II, 50.

⁸¹ Para o maravilhoso em Heródoto: Cyntia MORAES. **Maravilhas do mundo antigo: Heródoto, pai da história?** Belo Horizonte: UFMG, 2004.

⁸² TÁCITO, **Anais**, XIII, 58.

acontecimentos históricos. O caráter de revelação encontrado no prodígio pode mudar facilmente de acordo com o tempo ou com as pessoas que o interpretam. No ano de 59, afirma terem sido:

muitos os prodígios, e assaz continuados, mas todos inúteis. Uma mulher pariu uma serpente; e outra, estando nos braços do marido, foi morta com um raio. Escureceu-se repentinamente o sol, e nos quatorze bairros de Roma caiu o fogo do céu; **mas todas essas coisas sucederam certamente sem particular destino dos deuses**, porque Nero ainda continuou por muitos anos a governar, e a ser pelos seus crimes o flagelo do mundo.⁸³

A crise vivida sob maus imperadores interferia nas leituras dos presságios na medida em que uma sociedade corrompida não conseguia mais distinguir o que eram sinais divinos ou simples fenômenos naturais. As pessoas crédulas e atordoadas não sabiam mais distinguir suas perspectivas dos presságios divinos. A crise social que se instaura com um governo do vício e do ódio geram esse tipo de problema.

O grande dilema de Tácito foi a conclusão de que escrever sob maus imperadores é impossível porque não há liberdade, os relatos produzidos à época são frutos da adulação e os imediatamente posteriores são testemunhos dos ódios. Porém, escrever a certa distância - "*sine ira et studio*" - dos fatos narrados também implica em dificuldades porque os testemunhos remanescentes são justamente aqueles descritos como fruto da adulação ou do ódio. O desafio inédito da historiografia taciteana foi alcançar o objetivo de escrever uma história verdadeira a partir de testemunhos falsos.

⁸³ TÁCITO. *Anais*, XIV, 12.

5. A PROXIMIDADE FEMININA E A IMAGEM IMPERIAL: O PRINCIPADO NERONIANO (ANAIIS, LIVROS XIII- XVI)

“Os que governavam faziam de ordinário ações mais brilhantes pela influência dos bons conselhos do que pelo seu próprio braço e valor.”
TÁCITO, *Anais*, 13, 6.

Correntemente a historiografia tem analisado os primeiros cinco anos do principado neroniano como a melhor fase deste governo, ou seja, o *Quinquennium neronis*.⁸⁴ Alguns fatores textuais neste período são ressaltados por Tácito para mostrar a boa fase deste governo. Delegar poder ao Senado, escolher bons dirigentes militares e estar cercado por um conselho não corrompido são alguns elementos empregados para criar uma sensação positiva. No final deste período, em 59, a caracterização do principado neroniano na narrativa taciteana vai gradualmente decaindo até chegar a total corrupção moral do imperador. Daqui em diante os elementos positivos vão ficando cada vez mais raros e os negativos são ressaltados. Diversos são os elementos negativos empregados por Tácito. Nesta parte da monografia iremos analisar como o historiador latino utiliza um desses elementos negativos, a proximidade feminina, na construção da imagem do imperador Nero e de seu principado nos *Anais*. Neste contexto o caráter do governante e a sua administração são coisas indissociáveis.

Nossa análise infere que a partir da associação ou dissociação de personagens femininas a Nero, Tácito marca as fases deste principado. Agripina, sua mãe, Otávia, primeira esposa e Popeia, segunda esposa são as principais personagens femininas que são vinculadas a este Imperador. Essas associações ou dissociações carregam em si um símbolo positivo ou negativo de acordo com o desejo ou envolvimento dessas mulheres

⁸⁴ Sobre esta boa fase do governo de Nero vide Miriam GRIFFIN T. *Nero: the end of a dynasty*. London: Yale University Press, 1985.

em assuntos políticos. Era notório que em Roma as mulheres não poderiam participar formalmente de assuntos administrativos. Contudo, com o advento do Império, a transposição do lugar de poder foi feita do Fórum para a *Domus*, o que permitiu que tanto as mulheres quanto os libertos pudessem participar, mesmo que informalmente, da administração imperial.⁸⁵ Em um primeiro momento que vai de 54, com sua ascensão ao trono, até o assassinato de sua mãe em 59, o governo de Nero é apresentado como bom. Nesta parte, a principal tentativa de Tácito é desvincular Nero do grupo Agripina/Palas para vinculá-lo a Sêneca e Burrus. A virada deste período ocorre com o matricídio e as conseqüências morais que isso traz à personalidade de Nero. Se antes Nero figurava como sendo aconselhado por Burrus e, principalmente, por Sêneca, de 59 até 62 ele tenta a sua independência destes e vincula-se a Popeia e Tigelino. Outro fator importante é a constante sombra de Agripina e a insistência de Tácito no argumento de que foi sua mãe que o levou ao poder, argumento desfavorável ao Imperador. O terceiro período começa em 62, logo após a morte de Sula e Plauto — com o repúdio de Otávia e o casamento com Popeia — e termina no final do que restou dos **Anais**, em 65. Nesta parte, Nero já está totalmente transformado e é correntemente acusado de seus crimes anteriores. Nossa marcação cronológica é a seguinte:

1º. Período: começa em 54 com a ascensão de Nero ao trono e termina em 59 com o matricídio de Agripina. Fase marcada pela dissociação de Agripina e associação de Sêneca e Burrus ao Imperador. Popeia aparece como o grande agente de suas decisões moralmente condenáveis.

2º. Período: começa logo após o assassinato de Agripina, mostrando Nero revelando-se como um artista e atormentado pelo matricídio de sua mãe. Termina com o

⁸⁵ Andrew WALLACE-HADRILL. “The Imperial Court” In: BOWMAN, A. K., CHAMPLIN, E. & LINTOTT, A. **The Cambridge Ancient History**. 2nd edition. Vol. X: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

assassinato de Plauto e Sula. Nesta fase Nero é associado politicamente a Agripina. Este período é considerado em nossa análise como de transição onde ocorre um novo rearranjo político e o desmascaramento da personalidade de Nero, mostrando sua vocação para artista e não para imperador. O *consilium princeps* é rearranjado com a morte de Burrus e o afastamento de Sêneca.

3º. Período: começa com o repúdio de Otávia e casamento com Popeia. Marcado pelo grande número de mortes causadas pela conspiração pisoniana. Nesta fase, Nero aparece como totalmente incontrolável.

Nossa proposta é que a ênfase na associação de personagens femininas que almejem participação política sob Nero é feita por Tácito para tentar marcar a insuficiência administrativa deste imperador. Quanto maior é a associação de Nero a essas mulheres pior ficará seu governo. Vejamos mais detalhadamente os três períodos do principado neroniano e como ocorrem essas associações e dissociações que sugerimos.

5. 1. UM BOM PERÍODO DE GOVERNO (ANAI 13, 1-14, 9)

Para compreender o governo de Nero é de fundamental importância que primeiramente tenhamos clareza como a sua ascensão ao trono, ainda no principado de Cláudio, foi relatada nos **Anais**. Neste contexto a figura com importância central para entendermos tanto a formação como os primeiros anos do governo de Nero é Agripina. Sob o principado de Cláudio, Agripina obteve acentuada visibilidade nas descrições de Tácito e foi largamente associada a este imperador como estratégia de desmerecer seu governo. Tácito usa Agripina para realçar que o final do governo de Cláudio foi dirigido por uma mulher e o início do governo de Nero conseguiu anular esta influência.

Agripina tornou-se mulher do imperador Cláudio graças a um *consilium libertinus* convocado por ele para decidir qual seria a melhor escolha para sua futura esposa. A decisão de Cláudio, após ouvir seus libertos, recaiu em Agripina. Por ela ser sua sobrinha foi necessária a autorização do Senado para permitir a união entre eles.⁸⁶ Foram senadores que se responsabilizaram por implementar a decisão tomada através do conselho de um liberto, Palas. A estratégia de Tácito é deixar clara a inevitabilidade de um mau governo que se instituiu por libertos que deram poder a uma mulher, sendo que os senadores aparecem como servis colaboradores de seus inferiores hierárquicos.

Com isso Tácito inverte os papéis, na medida em que demonstra que o governo de Cláudio não seguiu os preceitos da *Res publica*, apresentando o Imperador se aconselhando com libertos de estatutos tão inferiores e não com membros da aristocracia romana. Tácito, nessa parte dos **Anais**, constrói uma associação da imagem de Agripina a libertos e, conseqüentemente, a imagem do imperador ligada a libertos e a uma mulher.

Agripina ganha maior destaque no relato de Tácito a partir de seu casamento com Cláudio. Seus furores são minuciosamente descritos bem como o fato de o imperador submeter-se prontamente às suas vontades, mesmo sendo estas as mais absurdas. Isso pode ser exemplificado quando Cláudio pede a Tarquínio Prisco que acuse Estátílio Tauro unicamente porque Agripina queria seus jardins.⁸⁷ O intuito é, obviamente, de ridicularizar este imperador. Em seu relato não foi apenas Agripina que controlou Cláudio. Era uma característica deste imperador ser manipulado por mulheres e libertos e, desta forma, ter um governo mal administrado devido à má escolha de seu *consilium*.

⁸⁶ TÁCITO. **Anais**, XII, 4.

⁸⁷ Idem, XII, 59.

Tendo participação no governo de Cláudio, Agripina consegue participar dos assuntos da administração do Império, assim como construir todo um círculo de poder no interior da corte de Cláudio. Em outras palavras, Agripina tinha poder e se fortalecia porque muitos deviam favores a ela.

Para obter esta posição, Agripina realizou as seguintes manobras políticas: a) trouxe Sêneca do desterro para ser o preceptor de Nero⁸⁸ e seu aliado político no interior da corte de Cláudio; b) esforçou-se para elevar Burrus ao comando da Guarda Pretoriana.⁸⁹ c) articulou para que libertos de sua confiança fossem alçados a postos estratégicos na administração da *Domus Caesaris*. Além de fortalecer sua posição, buscava paralelamente isolar e enfraquecer quem se colocasse fora de sua área de influência. É o que ocorre quando ela progressivamente minou as possibilidades de Britânico, filho legítimo de Cláudio, de ser o futuro imperador através do argumento da precariedade da sua educação e do afastamento de seus aliados políticos.⁹⁰

Agripina vai ampliando seu poder e enfraquecendo seus adversários. Tácito indica que o coroamento desta articulação seria o assassinato de Cláudio, a quem ela devia sua posição, para a construção de uma nova corte que teria por Imperador seu filho, Nero.

Nos **Anais**, Nero é descrito como um produto da ambição de Agripina que articula seu casamento com Otávia, filha de Cláudio.⁹¹ Além disto, coloca a seu serviço alguns de seus aliados políticos, com ênfase para Sêneca, seu preceptor. Depois de isolar ou mesmo eliminar fisicamente possíveis pretendentes à sucessão de Cláudio e fortalecer os apoios em favor da ascensão de seu filho ao trono, Agripina trama o assassinato de Cláudio e Nero sobe ao poder.

⁸⁸ Idem, XII, 8.

⁸⁹ Idem, XII, 42.

⁹⁰ Idem, XII, 41.

⁹¹ Idem, XII, 58.

Nos cinco primeiros anos do governo de Nero, Tácito tenta desvincular a sua imagem como aliada política do imperador, vinculando Nero preferencialmente a Sêneca e Burrus, pessoas de virtudes. Tácito mostrou Cláudio cercado de conselheiros libertos e mulheres. Ao contrário, Nero foi apresentado em seus primeiros anos ao lado de homens de grande valimento, membros da aristocracia romana. Agripina e os libertos que atuavam na corte passaram a um segundo plano e, em alguns anos, desapareceram completamente como é o caso da supressão de Agripina entre 56 e 59. O ano de 56, que abarca seis capítulos, é praticamente todo dedicado à discussão no Senado sobre a revogação da liberdade dos libertos que se mostrassem ingratos com seus ex-patrões. O ano de 57 tem apenas três capítulos e o de 58 abarca vinte e quatro capítulos dedicados à guerra entre romanos e partos. Com essa supressão de Agripina da narrativa, e com o maior destaque dado a Sêneca e Burrus como aliados políticos de Nero, Tácito caracteriza um bom período de governo.

No relato, Nero tinha uma política de governo diferente daquela de Cláudio. Entre outras inovações, prometia manter os assuntos da *Res publica* independentes dos da *domus*.⁹² A principal personagem que tinha influência advinda da *domus* era Agripina. Tácito indica o bom governo ao omitir a presença de Agripina, o que não significa que ela deixava de existir efetivamente: trata-se de um recurso narrativo.

Tácito abre o livro 13º, no qual começa a narrativa do principado neroniano, contrapondo o perfil de Agripina aos de Sêneca e Burrus. No primeiro parágrafo Tácito relata assassinatos cometidos por influência de Agripina, no segundo ressalta as virtudes de Sêneca e Burrus, criando um contraste com as maldades de Agripina, relatadas no parágrafo anterior. Tácito demonstra claramente a sua concepção que para se ter um bom governo seria necessário que Nero tivesse como aliados Sêneca e Burrus. Em outras palavras, Tácito divide, já no primeiro ano do governo de Nero, o que no governo

⁹² Idem, XIII, 6.

de Cláudio era um único grupo de poder articulado por Agripina. Produzindo através de seu relato uma separação entre Agripina de um lado e Sêneca e Burrus de outro. Referindo-se a Agripina, Tácito declara que: “Os assassínios seriam cada vez mais freqüentes se Afrânio Burro e Ânio Sêneca os não tivessem coibido.”⁹³

Não devemos tratar Sêneca e Burrus como uma unidade. Ambos tinham posições diferentes tanto na corte quanto em relação a Agripina. Sêneca, ao menos no relato de Tácito, conseguiu desvencilhar-se muito mais da aproximação política de Agripina. Por outro lado, Burrus é correntemente citado por Tácito como ainda ligado à mãe do imperador.⁹⁴ O motivo de tal relativa independência viria do cargo de senador que Sêneca ocupava. Em outras palavras, Tácito coloca Sêneca, enquanto senador, em uma posição de afastamento de uma personagem, Agripina, que sempre foi associada como elemento negativo. Por outro lado, Burrus é vinculado de forma direta à mãe do Imperador em quatro momentos marcantes na narrativa.⁹⁵

O anúncio de Tácito do declínio gradual do poder de Agripina em 55,⁹⁶ menos de um ano após o início do governo de Nero, foi mais uma tentativa de desvinculá-la do imperador. Tal afirmativa é difícil de ser sustentada a partir do momento que analisamos mais de perto a narrativa taciteana. Tomemos alguns exemplos.

No ano de 55, Tácito argumenta que Nero já estava tão indisposto com a presença de sua mãe que a bane da *Domus Caesaris* e retira-lhe a guarda. Estando Agripina afastada de seus amigos, seria o momento perfeito para que seus opositores a pudessem atingir. É nesta conjuntura que Junia Silana executa um complô contra Agripina acusando-a de conspirar contra Nero. Sendo a intenção de Junia Silana descoberta, Agripina pede que os envolvidos no caso sejam punidos. Ela obtém a

⁹³ Idem, XIII, 2.

⁹⁴ GRIFFIN. (1985), p. 78-9.

⁹⁵ São estes: *Anais*, XIII, 20-21; *Anais*, XIII, 23; *Anais*, XIV, 7. Por fim, quando Tácito fez Tigelino falar sobre a morte de Burrus, este se vangloriou de sua lealdade a Nero não ser dividida, como era a de Burrus.

⁹⁶ TÁCITO. *Anais*, XIII, 12.

punição de seus inimigos e ainda consegue a nomeação de pessoas de sua confiança para cargos públicos⁹⁷. Parece-nos estranho como uma pessoa que estava perdendo influência sobre Nero e abandonada por seus amigos conseguisse, além da punição dos seus acusadores, a nomeação de pessoas de sua confiança para cargos públicos.

No ano de 59, quando Agripina foi morta por ordem de seu filho, o encarregado de perpetrar sua morte foi Aniceto, já que Burrus achou que a Guarda Pretoriana não executaria tal missão. As pessoas que acompanharam Aniceto, igualmente a ele, eram vinculadas à marinha⁹⁸; não havendo nenhum integrante do exército no assassinato de Agripina, o que demonstra que no final de sua vida ainda tinha aliados importantes. É interessante ressaltar que a conspiração pisoniana descrita por Tácito foi composta exclusivamente por pessoas ligadas ao exército. Além do que, quando Nero volta à Roma depois do matricídio existe grande expectativa de sua parte em relação à forma com que será recebido por causa de seu ato moralmente condenável e pelos aliados que sua mãe ainda poderia possuir.

Um recurso utilizado por Tácito para eliminar a influência de Agripina, como vimos, é seu desaparecimento na narrativa entre os anos de 56 e 59. Não podemos afirmar, contudo, que esse desaparecimento foi devido a um destaque exagerado dado por Tácito a suas contra-faces, Sêneca e Burrus. Nestes anos, Sêneca aparece na narrativa de Tácito uma vez, quando é insultado por Publio Suílio, e Burrus, assim como Agripina, não é mencionado.

O relato de Tácito traz uma seqüência descontinuada de situações relativas à presença de Agripina. Inicialmente, no principado de Cláudio, Agripina e Nero são próximos e isso vale a constituição de um núcleo formado por mãe, filho, Sêneca e Burrus. Após a morte de Cláudio, Agripina comanda ainda o processo de ascensão de

⁹⁷ Idem, XIII, 19-22.

⁹⁸ Idem, XIV, 7-8.

Nero ao trono. Esse é uma primeira situação. Sendo Nero imperador, Tácito mostra Sêneca e Burrus afastados de Agripina e ela perdendo poder. Nessa parte da narrativa, como vimos, ele tira os três da cena. Os três personagens que lideraram a tomada do poder por Nero retornam à narrativa quando Agripina é eliminada em uma ação liderada por seu próprio filho. Nessa nova situação, temos Sêneca e Burrus afastados de Agripina. Uma tensão narrativa surge com a autonomia que é atribuída a Nero. O imperador passa, então, a se confrontar com seus antigos controladores, Sêneca e Burrus. Juntamente com isso, tem-se o surgimento de Popeia na narrativa que exercerá posição decisiva para a virada negativa de fase deste governo.

Tácito constrói sua narrativa com o intuito de aproximar a imagem de Sêneca e Burrus, na condição de *amici principis*, de Nero e promover um afastamento de Agripina. Era um ponto positivo na visão de Tácito que Nero fosse um governante destituído de vínculo político com sua mãe, tanto que, quando tenciona desmerecer Nero, faz questão de lembrar ao leitor que ele é Imperador graças a Agripina.

A partir do assassinato de Agripina por ordem de Nero, Tácito dá nova perspectiva ao relato deste principado, apresentando agora um governo que gradualmente foi se tornando tirânico. Após 59, ou seja, *post mortem*, Agripina toma um novo papel no discurso de Tácito. Agora ela não é mais afastada de Nero. Pelo contrário, freqüentemente é associada a sua imagem. Desta maneira, nossa fonte visa, através dessa associação, enfatizar a transição de um bom período de governo para um mau período. Em síntese, podemos afirmar que Tácito suprime a figura política de Agripina e valoriza Sêneca e Burrus na narrativa, entre outros recursos, para criar a imagem de um bom governo.

Outra personagem que teve função central na composição do caráter, e conseqüentemente do governo de Nero, foi Popeia, sua amante e segunda esposa. A

primeira menção a Popeia é feita por Tácito, nos **Anais**, no ano de 58 em forma de um augúrio nefasto. Em capítulo anterior, Tácito narra uma pequena história que tem um caráter pedagógico e de previsão na qual um tribuno do povo mata sua amante por causa de uma paixão desmedida. No capítulo seguinte, Tácito faz a seguinte afirmação: “Um não menos insigne escândalo de lascívia aconteceu neste ano, que foi para a República a origem fatal de futuras e grandes calamidades”.⁹⁹ Nesta passagem, Tácito tem como objetivo ressaltar as desgraças para as quais Popeia é uma fonte importante.

A partir da primeira aparição de Popeia tem-se um processo de “desmascaramento” das maldades de Nero,¹⁰⁰ que mesmo após a morte de Popeia não poderão mais ser interrompidas. No ano de 59, Popeia aparece novamente e desta vez é para incitar o imperador a matar sua mãe: “No consulado de Caio Vipstano e de Fonteio Cápton, apressou-se Nero em consumir a grande maldade que já dantes tinha concebido, sendo agora já muito maior o seu atrevimento pela longa duração do poder, e pela sua cada vez mais ardente paixão por Popeia”.¹⁰¹ O matricídio de Agripina é efetuado pelo empenho de Popeia sob a alegação de que ela era um empecilho para seu casamento com Nero. Agripina não queria que seu filho se divorciasse de Otávia que havia sido muito importante no processo de ascensão de Nero como imperador. Por ser filha do ex-imperador Cláudio e, conseqüentemente, componente da *gens Claudia*, seu casamento com Nero serviu para fortalecer sua futura posição como imperador. Contudo, não era apenas Agripina que não queria o divórcio de Nero e Otávia. Tanto Sêneca quanto Burrus não achavam que Nero deveria se divorciar. Neste momento podemos perceber a força que unia Nero a Otávia: a tradição no poder da *gens*

⁹⁹ Idem, XIII, 45.

¹⁰⁰ R. H. Martin LEEDS. “Structure and interpretation in the ‘Annals’ of Tacitus” In: **ANRW**. II. 33.2. Berlin: Walter de Gruyter, 1990, pp. 1567.

¹⁰¹ TÁCITO. **Anais**, XIV 1.

Claudia.¹⁰² Quando Nero repudia Otávia, em 62, e posteriormente a mata, ele não está dissolvendo um casamento apenas, mas assumindo uma nova postura política.

A proposição taciteana de que Popeia impulsionou o assassinato de Agripina para eliminar a oposição a seu casamento é frágil. Primeiro porque o casamento de Nero com Popeia só se realizou em 62, três anos após a morte de Agripina. Segundo porque a resistência a este casamento não partia apenas da mãe de Nero. Finalmente, porque quando Nero se divorcia, mesmo Agripina já estando morta há três anos, a *plebs* romana levanta-se em protesto. Parece-nos que a ênfase dada por Tácito em um conflito entre os interesses de Agripina e Popeia serve apenas para reforçar sua hipótese de que Nero é facilmente manipulado por mulheres. Podemos afirmar que a oposição a esse casamento não derivava simplesmente de uma postura defensiva e pessoal de Agripina.

Um elemento será suficiente para demonstrar isso. Caso o único empecilho para o casamento de Nero com Popeia fosse a oposição feita por sua mãe é plausível supor que eles teriam se casado se não imediatamente após morte de Agripina, pouco tempo depois. Contudo, eles demoram três anos para concretizar a união. Uma boa alternativa para tal questionamento, proposta por Miriam Griffin, é que Nero só poderia se casar com Popeia após o assassinato de Plauto e Sila.¹⁰³ Ambos eram descendentes de Augusto e poderiam ameaçar seu trono. A legitimidade de Otávia só pôde ser descartada a partir do momento em que não havia mais nenhum candidato latente a futuro imperador no interior da família Júlio-Cláudia.

O ano de 59 marca uma virada no governo de Nero,¹⁰⁴ que começa a ser apresentado com uma autonomia que no começo de seu principado não existia. Tácito narra um principado que em seus primeiros anos poderia ser bom, mas que foi aos

¹⁰² Miriam GRIFFIN. (1985), p. 98.

¹⁰³ Miriam GRIFFIN. (1985), p. 98; Richard BAUMAN. **Women and politics in ancient Rome**. London: Routledge, 1994, 204.

¹⁰⁴ R. H. Martin Leeds partilha da mesma hipótese. (1990), p. 1555.

poucos se tornando vicioso. Tanto a decadência dos costumes quanto a mudança na organização política são peças fundamentais para explicar os governos dos imperadores que Tácito relata. O mal governante é, ao mesmo tempo, fruto da sociedade em que vive e produtor de vícios. Daí surge o paradoxal relato feito por Tácito na **Vida de Agrícola**.

Depois de longo período de maus governantes, Nerva torna-se príncipe, restabelecendo a liberdade, porém: [...] pela natural debilidade, mais tardos são remédios do que males; assim, pois, como nossos corpos crescem com lentidão e rápidos se extinguem, assim também mais facilmente se oprimem do que se restabelecem o talento e o estudo; efetivamente, do próprio estar inerte vem agrado e à inação, odiada primeiro, depois se quer.¹⁰⁵

Um bom governante não é suficiente em si para produzir uma sociedade melhor. A passagem do vício para a virtude é um processo lento que envolve a mudança nos próprios costumes. Um mal governante não compromete apenas a estrutura econômica e política do Império, mas o próprio caráter dos cidadãos. Nero não foi mal governante apenas do ponto de vista administrativo. Seu exemplo alastrava o vício e a servidão por toda a sociedade já que o príncipe é o grande modelo a ser seguido pelos cidadãos. Com um governo fundamentado no vício e no medo, dificulta-se o caminho para a virtude e a liberdade reinarem. Por outro lado, Nero só poderia ser o que é, pois a sociedade em que vive e que o cerca é viciosa. Nero é o próprio sintoma de uma sociedade que é vista por Tácito como decadente.

5.2. A TRANSIÇÃO DE UM GOVERNO: MATRICÍDIO E IMPULSOS ARTÍSTICOS (ANAIS 14, 10 - 14, 59)

Logo após o fim da temática do matricídio¹⁰⁶ Nero aparece correntemente como um governante mais preocupado em instaurar jogos e participar de festivais do que em realmente governar. Sobre os jogos juvenis instaurados por Nero, Tácito declara que:

¹⁰⁵ TÁCITO. *Vida de Agrícola*, p. 3.

¹⁰⁶ TÁCITO. *Anais*, XIV, 12.

Daqui nasceram mil flagícios e infâmias. E pode-se dizer que nunca, ainda em épocas antigas da maior corrupção, se viram abominações iguais às deste tempo; **porque se tanto custa a manter os bons costumes ainda no meio dos bons exemplos, como entre o espetáculo de todos os grandes vícios seria possível conservar a honestidade, a modéstia, ou alguma sombra de virtude?**¹⁰⁷

Nero aos poucos realiza o que desde o principio foi colocado como o seu verdadeiro caráter. Em seu primeiro discurso ao Senado, Tácito argumenta que ele era o primeiro príncipe a não saber a arte da oratória, pois:

Nero desde a sua primeira idade começou logo a aplicar para outros objetos o seu espírito inquieto: exercitava-se nas artes do buril, da pintura, da música vocal, e do manejo dos cavalos; e algumas vezes nos versos que compunha mostrava não lhe faltarem princípios.¹⁰⁸

Foram apenas os conselhos de Sêneca e Burrus que conseguiram controlar, por um curto tempo, as disposições de Nero. Se na primeira fase seu caráter era amenizado através dos conselhos de Sêneca e Burrus buscando orientar de forma positiva o governo e distrair as paixões do príncipe, nesta segunda fase Nero ganha gradualmente autonomia e escolhe seus conselheiros. O núcleo que tinha sido formado no principado de Cláudio, composto por Agripina, Sêneca e Burrus, aos poucos será substituído na narrativa por Popeia e Tigelino.

Exceto o ano de 60, ao qual Tácito dedicou apenas nove capítulos, todos os outros tiveram mais ou menos o mesmo tamanho. Em 61, foram 19 capítulos e, em 62, foram 17 capítulos. Apesar de ser dedicado ao ano de 61 um relato mais longo, ele apresenta um caráter estático devido aos assuntos que o compõe: a guerra com os armênios e uma polêmica com o Senado. O ano de 62, pelo contrário, é muito dinâmico; tendo a morte de Burrus, o afastamento de Sêneca e a morte de Plauto e Sula. São eventos importantes para nossa análise por duas razões. Primeiro por ilustrarem, no texto de Tácito, mudanças morais na postura de Nero, que passa a agir com mais

¹⁰⁷ Idem, XIV, 15.

¹⁰⁸ Idem, XIII, 3.

autonomia. Segundo por relatarem um rearranjo político representado pela mudança das pessoas que rodeiam o príncipe.

Nesse contexto, a morte de Burrus e a necessidade de um novo chefe da Guarda Pretoriana; o afastamento de Sêneca do *consilium princeps*; o repúdio e assassinato de Otávia, que marca a ruptura definitiva de Nero com a *gens Claudia*; o casamento do imperador com Popeia e a inserção de Tigelino na narrativa dos **Anais**, substituindo o *locus* de Sêneca e Burrus no *consilium princeps*, indicam uma nova postura de governo

Consideramos, assim, o casamento de Nero com Popeia¹⁰⁹ como o divisor de águas entre um governo que ainda tinha algum aspecto moderado para a passagem a um governo relatado por Tácito como cercado de luxúria. Este casamento é, em certa medida, tão relevante para Tácito porque o imperador abandona uma descendente imperial para se casar com outra de menor prestígio social e moral. Otávia figurou na narrativa taciteana como o modelo de virtude feminina romana. Em momento algum ela demonstra qualquer insatisfação com os atos de Nero ou de qualquer outra pessoa. Outro fator importante é que ela nunca manifestou o desejo de participar dos assuntos relacionados à *Res publica*. Tácito relata os últimos dias de Otávia como a desgraça de uma jovem infeliz:

Otávia porém não havia tido um só instante de prazer: o seu primeiro dia de casada foi para ela um dia de luto e de amarguras, porque entrou em uma casa aonde só a esperavam objetos de tristeza, tais como um pai envenenado, e logo após ele seu irmão. Viu também depois junto a si uma escrava que a sobrepujava em autoridade e valimento; viu as calúnias, ainda mais horrorosas que a morte com todos os tormentos.¹¹⁰

Em contraposição ao caráter de Otávia, Popeia foi apresentada por Tácito como uma mulher que gostava tanto do luxo quanto do poder. Como havíamos mencionado anteriormente, na primeira vez que Popeia aparece nos **Anais**, Tácito relata que esta deixara Rufo Crispino – cavaleiro para se casar com Oton – senador e se divorciara de

¹⁰⁹ Idem. XIV, 60.

¹¹⁰ Idem. XIV, 63.

Oton para se casar com Nero imperador. Por meio desta lógica matrimonial, Popeia visava obter maior prestígio e melhores condições de atuação política. Essa tática matrimonial também foi empregada por Agripina e era utilizada por algumas mulheres no âmbito da elite. Nossa hipótese é que Tácito potencializa a crítica a Nero através da dicotomia construída entre Otávia e Popeia. Portanto, ainda que três anos separem o divórcio de Nero e seu novo casamento, Tácito produz a noção de que esses eventos estão articulados como parte da desestruturação do governo de Nero.

Neste período é que acontecem os principais rearranjos e mudanças de personagens e, além disso, a caracterização de Nero como artista. Se no primeiro período Tácito apenas insinuou as habilidades do imperador para artes da diversão, neste período esse argumento ganha força e acompanha Nero até o final dos **Anais**. O gosto de Nero pelo teatro e pelas corridas foi assinalado por Tácito nas primeiras páginas de seu relato sobre este principado. Este foi o único Imperador que não sabia a arte de discursar, preferia o buril. Tácito deixa a pontencialidade desse argumento de lado no primeiro período do governo de Nero e com o assassinato de Agripina declara: “era já mui antiga a ocupação que ele tinha de correr governando as carroças; e não com menor infâmia, como se fosse um músico de profissão, de apresentar-se à mesa a cantar; acompanhando-se com a lira”.¹¹¹ Depois desse episódio Tácito concentra-se na descrição do gosto artístico de Nero. O imperador não só se mostrava corrompido como corrompia todos que estivessem ao seu redor. Assim, os desmandos imperiais tanto no que se refere às suas preferências amorosas quanto artísticas têm um impacto nocivo na esfera pública, não se tratando de um problema pessoal do governante.

5.3. UM NOVO E MAU GOVERNO CONSOLIDA-SE (ANAIS 14, 60 – 16, 35)

¹¹¹ Idem. XIV, 14.

Entre os anos de 62 e 66, Nero é apresentado como vinculado a Popeia e Tigelino. Este novo arranjo tira Nero da influência de Sêneca e Burrus, membros da aristocracia, e coloca Popeia e Tigelino, inferiores em nobreza e reputação, como estreitamente vinculados a Nero. Este período é descrito por Tácito como o de total desregramento do Imperador sendo Popeia a personagem principal que incita tais vícios. Além dessa nova concepção do *consilium princeps*, existem mais alguns fatores que compõem a caracterização dos vícios de Nero feita por Tácito. Em 64, tem-se como marca da falta de pudor do imperador sua apresentação em Nápoles. As primeiras frases de Tácito ao relatar esse ano são: “No consulado de C. Lecânio e M. Licínio desenvolveu Nero todo o seu extravagante furor de se apresentar sobre os públicos teatros”.¹¹²

Mais adiante, Tácito relata o casamento de Nero com o escravo Pitágoras:

Nero executou nesta noite todas as abominações imagináveis; e pareceria ter esgotado então a taça inteira de todas as torpezas, se passados poucos dias não se houvesse dado por *mulher*, em casamento solene, a *Pitágoras*, um dos mais infames mancebos que escolheu entre toda aquela depravada comitiva.¹¹³

Nero não apenas casou-se com um escravo, mas assumiu o papel de mulher que, ao que tudo indica, era naturalmente seu. Outro evento importante neste ano (64) é o incêndio de Roma. Tácito não acusa explicitamente Nero de ter colocado fogo na cidade, contudo, reserva maior espaço para os rumores que apontavam o imperador como o agente do incêndio. Nero implementou várias reformas por ocasião do incêndio:

contudo, todas estas demonstrações populares não produziram o seu efeito, porque se espalhou um boato de que Nero no momento em que Roma estava ardendo, fora ao teatro que tinha em sua casa, e nele cantara a destruição de Tróia, comparando as desgraças antigas com a calamidade presente.¹¹⁴

¹¹² Idem. XV, 33.

¹¹³ Idem. XIV, 37.

¹¹⁴ Idem. XV, 39.

Por fim, no ano de 65 aconteceu a Conspiração Pisoniana, que provocou muitas mortes, e ainda é marcado pelo suicídio de Sêneca ordenado pelo Imperador. Por ocasião da descoberta do envolvimento de Súbrio Flávio na conspiração, Nero interroga-lhe os motivos de sua participação. O interrogado responde: “Aborrecia-te; ainda que ninguém foi mais fiel enquanto o mereceste. Comecei porém a ter por ti um ódio implacável depois que te vi assassino de tua mãe e tua mulher, cocheiro, histrião, e incendiário”.¹¹⁵

Outro episódio marcante neste período dos **Anais** é a suposta descoberta de uma mina de ouro por Cesélio Basso.¹¹⁶ Este apresou a Nero a descoberta de minas de ouro em que estavam enterradas o tesouro da amada de Enéas, Dido. Nero acredita em Cesélio e arruína ainda mais Roma em dívidas. Depois de todos esses acontecimentos o final do que nos restou dos **Anais** termina de forma calamitosa. Tácito escreve que:

Ainda quando eu só tivesse a escrever as guerras estrangeiras e todas essas mortes padecidas em serviço da República, a mesma uniformidade dos sucessos me teria enfasiado assim como aos meus leitores, que apesar de tão belas e magníficas ações de patriotismo e de glória, não poderiam suportar uma tão longa série de casos tão tristes. Mas qual não deve ser agora o horror e o abatimento de espírito, quando só tenho a contar exemplos de uma servil e estúpida paciência, e de tanto sangue inutilmente derramado no seio da paz, e até dentro em nossas casas? Não pedirei contudo outra graça aos meus leitores senão que me não levem a mal o não ter mostrado ódio contra essas almas covardes que tão fracamente se deixavam assassinar: sim, eu estou persuadido de que todas estas coisas foram um castigo com que os deuses quiseram punir os Romanos; e sobre o qual não convém rapidamente passar assim como se passa sobre a derrota dos exércitos, ou a tomada das praças, que muitas vezes só por um toque de pincel se podem bem delinear. Isto pois, ao menos, se conceda à descendência e à posteridade de tantos homens ilustres, para que assim como na sepultura e nas honras funerais se diferenciam da gente ordinária, também achem na história algumas páginas particulares que distingam seus últimos momentos.¹¹⁷

E prossegue ressaltando, nas últimas palavras de Peto Traseia, que os tempos são de desgraça e que essas não parecem que serão atenuadas:

Ofereçamos esta libação a Júpiter Libertador. Sim, olha, mancebo, bem atentamente para isto; e oxalá que os deuses te desviem o presságio! Mas tu nasceste em tempos tão calamitosos, que te é bem preciso corroborar a alma com exemplos de constância.¹¹⁸

¹¹⁵ Idem. XV, 67.

¹¹⁶ Idem. XVI, 1-3.

¹¹⁷ Idem. XVI, 16.

¹¹⁸ Idem. XVI, 35.

Com esse breve panorama do principado neroniano buscamos explorar um dos elementos que nortearam a narrativa de Tácito, ou seja, a aproximação ou dissociação de Nero a personagens femininas. Através dessa estratégia de composição, Tácito buscou ressaltar a virtude ou o vício deste imperador romano. Para tanto vimos três divisões que estão intimamente ligadas a aproximação de personagens femininas. Quanto maior a proximidade com as “mulheres políticas” pior é o governo de Nero. O primeiro momento do principado neroniano é apresentado positivamente e temos a associação do imperador a Sêneca e Burrus e sua dissociação de Agripina.

Com o assassinato de Agripina em 59, encerra-se essa parte do governo de Nero que era vista como boa, ainda que se tenha a associação de Agripina a Nero em alguns momentos. A partir daí temos os anos de 60 até 62, no qual acontece a consolidação de um novo arranjo político encabeçado por Popeia e Tigelino no qual o governo de Nero já não é tão bem visto por Tácito. Consideramos como o ponto principal nesta virada o casamento de Nero com Popeia que marcará a associação de Nero a mais uma “mulher política”. No período de 63 a 65, o relato de Tácito concentra-se na insatisfação de Nero com as pessoas que são contra ele e mostra seu total desregramento. Neste período Tácito transforma Nero em mulher relatando seu “casamento” com Pitágoras.

6. CONCLUSÃO

Um dos grandes *topoi* da história taciteana, talvez o maior deles, foi a proposição de que a história deveria ser escrita de forma imparcial, tendo como sua máxima a frase “*sine ira et studio*”. Buscamos argumentar que a história escrita por Tácito era fundamentado em outro critério de verdade na qual a demonstração dos fatos era mais importante que a confirmação desses. Podemos inferir que o critério moderno de verdade baseado na prova não tinha a mesma importância para a historiografia romana. Tácito escreveu sua história nos termos da *demonstratio* na qual se deveria exprimir “um acontecimento com palavras tais que as ações parecem estar transcorrendo e as coisas parecem estar diante dos olhos”.¹¹⁹ O que fundamentalmente deveria ser feito em uma história era demonstrar o passado de forma a servir de exemplo para outras gerações. Os exemplos de Tácito, contudo, em sua maioria não deveriam ser imitados.

Tendo em vista que os **Anais** foram escritos para demonstrar de forma exemplar a corrupção e decadência de um tipo de governo – o Principado – baseado na concentração de poder em apenas uma pessoa – o *princeps* – achamos plausível analisar esta história enfocando a sua composição. Considerando que os **Anais** foi escrito no padrão historiográfico romano baseado no relato objetivando a demonstração de algo, partimos do pressuposto analítico que a história de Tácito deve ser compreendida e analisada não como um testemunho que mostra o período relatado de forma indiscutível, mas como uma composição. Com isso, tomamos o relato de Tácito como um conjunto de argumentos que tinham o objetivo de demonstrar a decadência dos costumes romanos. Analisamos nessa monografia um dos argumentos que compuseram o principado de Nero: a proximidade feminina. Pudemos concluir que a associação ou dissociação de personagens femininas de acentuado destaque neste Principado

¹¹⁹ [Cícero], IV, 68.

contribuiu de forma decisiva para demonstrar o caráter que queria Tácito dar a esse governo.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Clássicas:

ARISTOTLE. **Rhetoric**. Translated by W. Rhys Roberts. Mineola: Dover Thrift Editions, 2004.

[Cícero]. **Retórica a Herênio**. Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

CÍCERO. **El orador**. Tradución E. Sánchez Salor. Madrid: Alianza Editorial, 2004, e

PETRÔNIO. **Satyricon**. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.

PLUTARCO. “Alexandre”. *In: __.* **Vidas**. São Paulo: Cultrix, s/d, p. 138.

PLUTARCO. **Como distinguir o bajulador do amigo**

TÁCITO. “A Germânia”. *In: __.* **Obras Menores**. Tradução de Agostinho da Silva. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

TÁCITO. “Diálogo dos Oradores”. *In: __.* **Obras Menores**. Tradução de Agostinho da Silva. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

TÁCITO. **Anais**. Tradução de J. L. Freire de Carvalho, volume 25. São Paulo: W.M. Jackson. (Clássicos Jackson).

TÁCITO. **Histórias**, Tradução de Berenice Xavier. Vol. 2. Rio de Janeiro: Athena, 1937.

TÁCITO. **Histórias**. Tradução de Berenice Xavier. Vol. 1. Rio de Janeiro: Athena, 1937.

TÁCITO. Vida de Agrícola. Tradução de Agostinho da Silva. *In: __.* **Obras Menores**. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

Bibliografia de apoio:

AMBRÓSIO, Renato. “Cícero e a História”. *In Revista de História da USP*. Número 147, 2º semestre de 2002.

BARRETT, Anthony. **Agrippina: sex, politics in the early empire**. Yale: Yale University Press, 1996.

BAUMAN, Richard. **Women and politics in ancient Rome**. London: Routledge, 1994.

BLAIR, Hugh. Historical Writing. *In: __.* **Lectures on Rhetoric and Belles Lettres**.

London: Charles Daly, 1839.

CLARKE, Katherine. "In arto et inglorius labor: Tacitus' Anti-history". *In* **British Academy**, 114, 2002.

FONTANA, Benedetto. "Tacitus on Empire and Republic". *In* **History of political thought**. Vol XIV. Nº. 1, spring, 1993.

FYFE, Hamilton. "Introduction". *In*: TACITUS. **The Histories**. Translated with introduction and notes by W. Hamilton Fyfe, fellow of Merton College. Oxford: Clarendon Press, 1912.

GINSBURG, Judith. **Tradition and theme in the Annals of Tacitus**. Salem, N.H.: Ayer, 1981.

GINZBURG, Carlo. Ekphrasis e citação. **A micro-história e outros ensaios**. Tradução de António Narino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GOLDEN, Mark & TOOHEY, Peter. (ed.) **Inventing ancient culture: historicism, personalization and the ancient world**. London: Routledge, 1997.

GRIFFIN, Miriam. **Nero: the end of a dynasty**. London: Yale University Press, 1985.

GRIFFIN, Miriam. "Tacitus, Tiberius and the Principate". *In* MALKIN, I. and RUBINSON, Z.W. (eds.). **Leaders and Masses in the Roman world: studies in honor of Zvi Yavetz**, Mnemosyne Supplementum 139, Leiden, 1995.

GRIMAL, Pierre. "As Dinastias do Alto Império". *In*: __. **O Império Romano**. Lisboa: Edições 70.

HARTOG, François. **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

JOLY, Fábio. **Tácito e a Metáfora da Escravidão**. São Paulo: Edusp, 2004.

LEEDS, R. H. Martin. "Structure and interpretation in the 'Annals' of Tacitus" *In*: **ANRW**. II. 33.2. Berlin: Walter de Gruyter, 1990, pp. 1567.

MOMIGLIANO, Arnaldo. "A Origem da Pesquisa Antiquária.". *In*: __. **As Origens Clássicas da Historiografia Moderna**. Bauru: EDUSC, 2004.

MOMIGLIANO, Arnaldo. "A tradição herodoteana e tucídideana". *In*: __. **As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna**. Bauru: EDUSC, 2004, pp. 53-83.

MOMIGLIANO, Arnaldo. "Fábio Pictor e a origem da História Nacional". *In*: __. **As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna**. Bauru: EDUSC, 2004.

MOMIGLIANO, Arnaldo. "Nero". *In*: COOL, S. A.; ADCOCK, F. C. & CHARLES WORTH, M. P.. **The Cambridge Ancient History**, vol. X. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

MORAES, Cyntia. **Maravilhas do mundo antigo: Heródoto, pai da história?** Belo Horizonte: UFMG, 2004.

PARATORE, Ettore. Tácito. In: ___. **História da Literatura Latina**. Tradução de Manuel Losa. 13 a. reimpressão. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983, pp. 721-746.

PERCIVAL, John. Tacitus and the principate. *In Greece and Rome*. 2, 27, 1980,

RUBIÉS, Joan-Pau. “Nero in Tacitus and Nero in Tacitism: the historian’s craft” *In: Jás ELSNER & Jamie MASTERS. Refections of Nero: culture, history & representation*. London: Duckworth, 1994.

WALKER, B. **The Annals of Tacitus**: a study in the writing of history. Manchester. Manchester University Press, 1952.

WALLACE-HADRILL, Andrew. “The Imperial Court” *In: BOWMAN, A. K., CHAMPLIN, E. & LINTOTT, A. The Cambridge Ancient History*. 2nd edition. Vol. X: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.